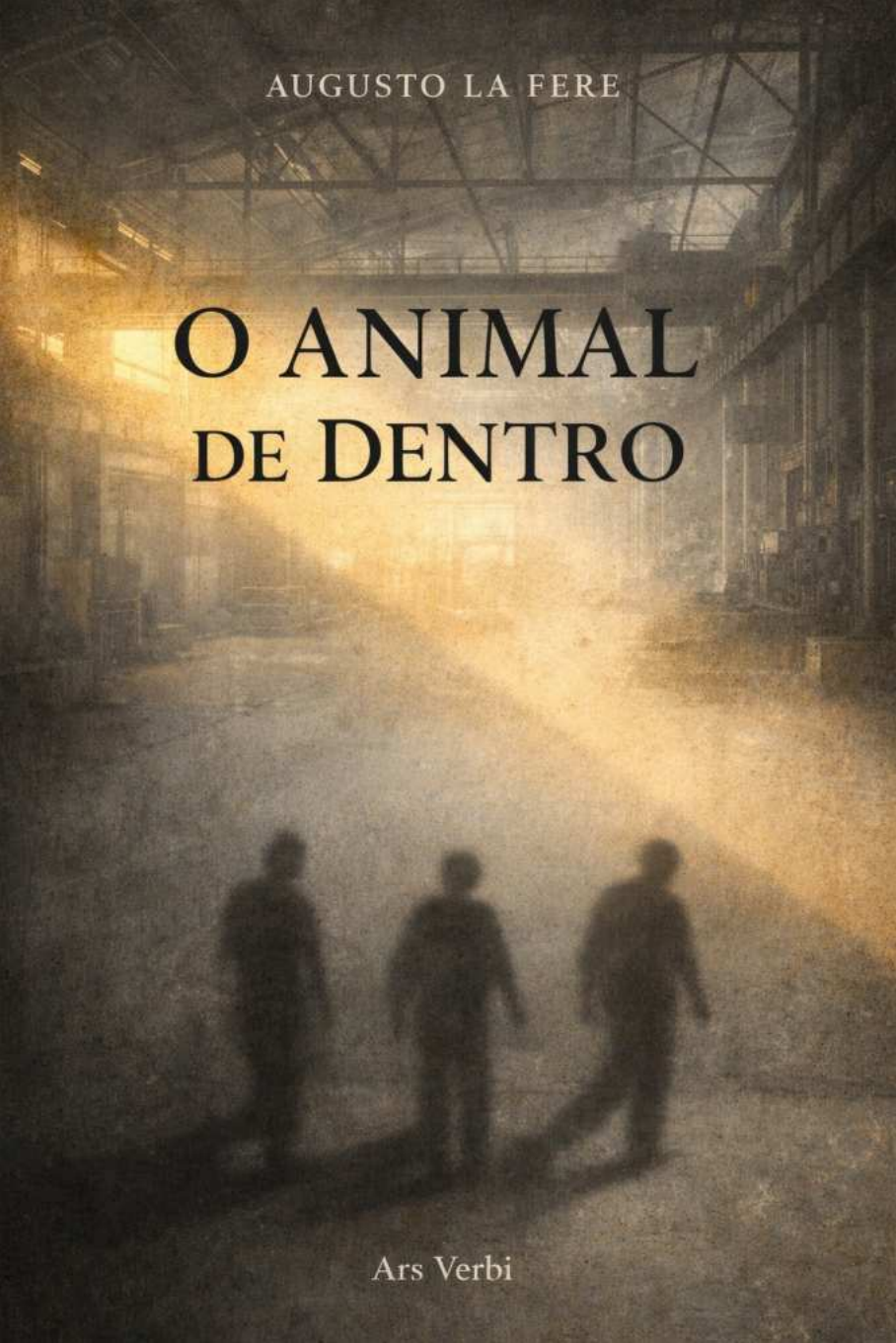




AUGUSTO LA FERE

O ANIMAL DE DENTRO

Ars Verbi

O ANIMAL DE DENTRO

AUGUSTO LA FERE

O ANIMAL DE DENTRO

Edição Digital

LAPA
ARS VERBI
2026

Créditos

O Animal de Dentro

© 2026 Augusto La Fere

Publicado por *Ars Verbi*TM

Lapa, Paraná, Brasil

Edição Digital

ISBN: 978-65-988751-9-0

Esta obra está licenciada sob a Creative Commons Atribuição - Não Comercial - Compartilha Igual 4.0 Internacional (CC BY-NC-SA 4.0). Esta licença se aplica ao compartilhamento pela comunidade leitora. O autor mantém os direitos para a exploração comercial desta edição. Você pode compartilhar e adaptar esta obra, desde que:

- Atribua o crédito ao autor;
- Não a utilize para fins comerciais;
- Publique obras derivadas sob a mesma licença.

Para mais detalhes, visite:

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/4.0/>

<https://arsverbi.com.br>

Dedicatória

A quem nunca teve escolha,
mas seguiu assim mesmo,
com o corpo inteiro,
sem glória, sem história,
só o peso — e o passo.

Nota Editorial

AVISO AO CORPO

Se você procura história para consumir, feche agora. Este livro não “conta” — ele pesa. Não oferece a experiência confortável de acompanhar alguém por dentro, com explicações, motivos e justificativas. Aqui, a psicologia não vem em monólogo; vem em postura. O “interior” não se declara; se denuncia na forma como a coluna sustenta, como a mão hesita, como o joelho aprende a dobrar sem pedir licença. Você vai ler com a lombar, não com a cabeça. As personagens não se analisam, não dramatizam, não se protegem com discurso. Elas existem no puro gesto: no tornozelo que cede, no antebraço que aguenta, no fôlego que falta e, mesmo assim, continua. Se você espera epifanias, catarse, viradas “literárias”, desculpas morais ou explicações psicológicas, não encontrará. O que existe é músculo, repetição, calo — e uma inteligência que não se formula em frases, mas se forma em hábitos. Quando não há linguagem para salvar, o corpo assume.

O tempo aqui não é linha: é chão. E o chão não conduz; ele segura. A estrutura do livro obedece ao mecanismo do turno: o dia não “evolui”, ele se acumula. Cada página é mais um minuto em pé, mais uma ida e volta, mais um peso recolocado no lugar certo. A repetição não é truque; é fidelidade à matéria. O romance não busca tensão crescente no sentido habitual; busca pressão: pressão de horário, de corpo cansado, de dinheiro curto, de espaço apertado, de tarefa que volta. A frase acompanha esse regime — às vezes seca, às vezes curta, às vezes com a respiração esticada — mas sempre submetida à lógica do trabalho que não finaliza para explicar por que existe. Se, ao terminar, você sentir dor na nuca, um cansaço estranho, um peso que não vira pensamento imediato, isso não é efeito colateral. É forma. Este livro foi montado para funcionar como um turno inteiro, com o leitor dentro.

Marcos, Denise e Oscar não se reconhecem por palavras; se reconhecem por ritmo. Pelo jeito de pisar, pelo modo de segurar uma garrafa, por uma pausa que diz “não dá” sem precisar dizer. Entre eles não há amizade no sentido usual — aquela que se constrói por

conversa, confissão e promessa. Há algo mais antigo e mais duro: sobrevivência sincronizada. Eles criam vínculo como quem cria técnica. Cada um aprende o outro como se aprende o peso de uma caixa: sem romantização. Não é ausência de afeto; é outra gramática do afeto, uma gramática que não tem tempo para nomear. Quando um deles estende a mão, não é carinho “narrativo”; é geometria do sustento, cálculo do que mantém o outro de pé e, por consequência, mantém a engrenagem inteira funcionando por mais algumas horas. Há também uma ética nisso: o bem aqui não é ideal, é prático. Não se ama para se salvar; se ajuda para não cair — e, às vezes, para cair junto sem perder o ritmo.

Há um quarto personagem. Ele chega depois, “ajudando na reposição”. Ele não faz nada de errado: sorri, oferece bolacha, pergunta onde pôr as caixas. Sua falha é silenciosa e decisiva: ele tenta pensar no sentido tradicional, interrogar o porquê, buscar significado antes do gesto, querer entender antes de fazer. Mas o turno não tem energia para sustentar quem precisa de sentido para continuar. Neste mundo, significado é um luxo que custa caro: custa tempo, custa fôlego, custa coordenação. E

a coordenação é o que mantém todos vivos. Quem “pensa demais” quebra não por ser fraco, mas por usar uma ferramenta inadequada ao ambiente. O pensamento que pergunta atrasa; e o atraso, num sistema já no limite, vira falha estrutural. Ele não é expulso: evapora. Como evaporam os que não conseguem se encaixar na repetição — não por maldade alheia, mas por insuficiência de espaço. Ao final, você não saberá seu nome. Ninguém saberá. E essa é uma das violências mais exatas do livro: o que não vira gesto não vira memória. Some.

Ketlyn é diferente. Ela vê. Desenha. Guarda papéis dobrados no bolso da mãe. Mas não julga, não explica, não tenta salvar ninguém com grandes frases. Ela não exige reorganização do mundo para existir nele. Ela só registra — e, ao registrar, preserva. Ketlyn é o contrário do Quarto: onde ele pede significado, ela aceita a realidade sem transformá-la em discurso; onde ele tenta “entender” para suportar, ela testemunha para não esquecer. E o testemunho, aqui, é uma forma de resistência: não cura, não redime, mas impede que tudo vire mera sequência de tarefas sem rastro. Por isso ela permanece: porque seu gesto não pesa

sobre o sistema; ele guarda. E o que guarda — mesmo mínimo — é uma forma de futuro.

Não pare buscando “o que acontece”. Nada acontece, e tudo acontece. A ação deste livro não é o acontecimento excepcional: é o repetido que, por repetido, se torna inexorável. Leia como quem atravessa um turno: em blocos, se precisar; com pausas, se o corpo pedir — mas volte pelo ritmo, não pelo desfecho. Volte pelo peso do gesto, pelo que não foi dito, pelo silêncio que dói entre as costelas. Volte pelos detalhes que parecem pequenos porque ninguém os comenta: uma mão que segura demais, um olhar que desvia, um objeto fora de lugar, uma frase curta que encerra uma vida inteira sem saber. E quando chegar ao fim, não espere conclusão. Espere apenas o corpo — o seu, mais pesado — sustentando sozinho o que o livro deixou cair.

— *O Editor*

"O que move não é ideia.
É músculo, é calo, é dobra que o
tempo não desfaz."

Marcos acordou antes do som, antes da luz, antes de qualquer coisa além do corpo dizer que era hora, e mesmo sem abrir os olhos de imediato já sabia que era terça-feira, que o uniforme não secou por completo, que o portão ainda range, que o ônibus virá pela mesma rua e que nada ali mudará se ele não levantar, então ele virou para o lado esquerdo, encostou os pés no chão gelado, apoiou os cotovelos nos joelhos e ficou curvado por alguns segundos como quem testa o peso do próprio fôlego, depois levantou, foi até a cadeira onde a calça dobrada esperava, vestiu com um gesto que não teve pressa mas também não teve, subiu o zíper, fechou o botão, pegou a camisa úmida, passou os braços com firmeza, abotoou três botões e deixou o de cima aberto como fazia sempre, calçou os sapatos na ordem

que conhecia de cor, levantou de novo, girou a maçaneta com a mão esquerda, empurrou a porta com o ombro até vencer a resistência, atravessou o corredor, desceu os degraus em silêncio, abriu o portão pela metade porque o barulho da ferrugem incomodava mais que o frio, saiu para a rua ainda molhada, virou à direita sem olhar para os lados, andou até a esquina como se não houvesse outra direção possível, passou pelo muro descascado onde a tinta velha se acumulava em pó, passou pela árvore de tronco grosso que empurrava o meio-fio, passou pelo banco onde o homem dormia de lado com o rosto virado para a parede, e não parou, porque o passo é o que se tem quando o resto já não responde, então seguiu, virou à esquerda, viu o ônibus vindo ainda distante, acelerou com a medida justa do que o corpo aguentava, levantou o braço, fez sinal, o ônibus parou, ele subiu, passou o cartão com a mão firme, segurou a barra, ficou em pé mesmo com lugares vazios, o ônibus andou, balançou nos buracos, virou três esquinas, parou, ele desceu, atravessou a rua com o sol começando a empurrar os prédios, entrou no galpão, encontrou a porta fechada, e o aviso colado com fita dizia que não haveria expediente naquele dia, ele leu uma vez, depois de novo, e

então ficou parado olhando o portão fechado como se a leitura pudesse se desfazer por insistência. Ficou ali por mais de um minuto, sem mexer as mãos, sem abaixar a cabeça, apenas com os olhos fixos no aviso colado torto, como se o papel amassado pudesse ceder antes dele, como se a fita frouxa tivesse algo a dizer além da palavra “suspense”, e quando nenhum som saiu de dentro, e o portão não se abriu, e ninguém veio explicar, Marcos deu dois passos para trás, virou o corpo devagar, olhou para a rua por onde tinha vindo, mas não a seguiu, ficou parado entre ir e não ir, e então caminhou para o lado oposto, o lado que nunca tomava, o lado da sombra do prédio, onde a calçada era mais estreita e o asfalto rachado forçava o pé a pisar torto, andou sem olhar para frente, sem objetivo, apenas com o impulso de não retornar, passou pela entrada de um depósito fechado, pela porta de ferro com número apagado, por um cachorro preso que rosnou sem sair da casinha, e só então, quando sentiu o suor frio escorrer pela lateral do rosto, parou, encostou-se num muro encardido, não para descansar, mas porque o corpo perdera o roteiro, e por um instante longo o bastante para se tornar corpo mesmo, ficou ali, sem nada nas mãos, sem ninguém em

volta, com o uniforme molhado grudando na pele e o sol começando a esquentar o concreto às costas. Denise acordou com o som da filha tossindo no quarto ao lado, e por alguns segundos permaneceu deitada com os olhos abertos na escuridão, sentindo apenas o eco seco da tosse atravessando a parede fina, sem levantar, sem pensar, até que o corpo tomou a frente do dia e ela se moveu com a mesma ordem de sempre — levantou devagar, pisou com cuidado para não fazer barulho, atravessou o corredor com o casaco ainda nos braços, entrou na cozinha sem acender a luz, Tateou o fogão, acendeu a chama, colocou a chaleira com água, pegou o pão da prateleira, cortou ao meio com a faca sem serrilha, abriu a geladeira, retirou a lancheira, o suco, uma fruta, e montou tudo com os mesmos gestos de todos os dias úteis daquele mês, depois voltou ao quarto, encostou a mão na testa da filha, sentiu o calor firme que já não era febre leve, mas tampouco urgência, e ainda assim não hesitou — vestiu a menina, preparou a bolsa da escola, prendeu o cabelo num coque alto, calçou os sapatos baixos, pegou os documentos da mãe no envelope plástico, o cartão do SUS, a chave da casa, e saiu com a filha no braço direito e a bolsa no ombro esquerdo, fechando a porta

com o calcanhar, atravessando a rua com passos curtos, dobrando à esquerda pela calçada esburacada até o ponto de ônibus, onde três mulheres já esperavam, e quando o ônibus parou, ela subiu com a filha no colo e os pés mal encaixados no degrau, ficou em pé durante o trajeto até o terminal, segurando com força a barra acima da cabeça, sentindo o peso do corpo da menina forçar a cintura, e quando chegou ao posto de saúde, viu pela primeira vez o aviso novo na porta de vidro, escrito à mão com letra trêmula: “sem pediatra — urgências encaminhar à unidade central”, e por um instante olhou para o aviso, depois para a filha no colo, depois para dentro, e então empurrou a porta mesmo assim, mesmo sem encaminhamento, mesmo sabendo que seria barrada, mesmo sabendo que não era o protocolo, entrou, foi até a recepção, disse o nome da filha, disse que tossia, disse que não dormia, disse que não podia voltar para casa e esperar, e quando a atendente respondeu que não havia fichas naquele horário, Denise apenas ficou parada, com a filha ainda no colo e o corpo todo ainda em pé, como se aquilo fosse o que restava quando o sistema não abria a porta, e ficou ali tempo suficiente para ser notada por alguém que passava com jaleco

branco, que não perguntou nome nem origem, apenas disse: “entra comigo, eu vejo agora, senão piora”, e ela entrou. Oscar acordou com o calor preso na garganta, virou o rosto para o lado direito, viu o teto manchado de mofo, passou a mão pela testa suada, sentou sem pressa, deixou os pés tocarem o chão áspero do cimento frio, respirou fundo uma vez, depois outra, e ficou ali sentado até o barulho no corredor desaparecer, depois vestiu a camisa amassada que estava sobre a mochila, puxou o boné da quina da janela, calçou os tênis ainda úmidos da chuva da véspera, e saiu para a rua com os ombros duros, a escada escorregadia sob os pés, o corpo lento como se estivesse atrasado para algo que não tinha horário, passou pelo bar fechado, pelo cachorro dormindo no tapume, o celular no bolso vibrando com alerta de bateria fraca, mas nenhum trabalho, nenhuma rota atribuída, atravessou a avenida sem olhar o semáforo, caminhou até o ponto onde às vezes alguém chamava por nome ou por gesto, ficou ali, encostado no poste, olhando os carros, o calor subindo pela camiseta, até que um carro parou, um homem desceu com um colete manchado de graxa e disse “vinte reais, caixa leve, três horas”, Oscar não respondeu de imediato, só

depois que os outros recuaram ele disse “eu vou”, e seguiu o homem pela lateral do prédio, entrou por uma porta de metal que batia no batente, viu as caixas empilhadas até a altura do peito, grandes, leves só na aparência, pegou a primeira com os braços ainda frios, levou até a traseira do furgão, voltou, pegou outra, depois mais uma, o suor agora descendo pela lombar, a camisa colando na parte de trás do corpo, os dedos escorregando nas laterais do papelão, e na quarta caixa, quando o pé esquerdo afundou numa rachadura da calçada, o tornozelo cedeu, o corpo caiu de lado, os joelhos bateram com força, a caixa prensou o peito e o ombro contra o chão, o braço esquerdo rasgou no canto da tampa, e o corte não doeu de imediato, mas sangrou direto, o homem xingou, disse “porra, era só andar reto”, Oscar ficou de joelhos por um tempo, respirando pela boca, não respondeu, pegou a caixa caída, entregou, voltou, pegou a próxima, e continuou até o lote acabar, os braços dormentes, os dedos quentes, as costas úmidas, e no fim o homem entregou uma nota de dez, dobrada, suja, e disse “dá pra hoje”, Oscar pegou sem contar, guardou, atravessou a rua com o andar quebrado, encostou no muro do galpão onde já tinha passado uma vez, escorregou até sentar com as

pernas abertas, os cotovelos nos joelhos, o corte ardendo agora como fogo lento, e ficou ali até o corpo esfriar, sem pressa de levantar, com os olhos voltados para o chão, como se o mundo estivesse todo ali — entre o sangue seco e o cimento rachado. O dia começou com a mesma hora, o mesmo alarme, o mesmo céu turvo grudado no topo dos prédios, mas quando Marcos desceu os degraus da casa e empurrou o portão pela metade, não vestia a camisa azul de sempre, mas uma cinza, sem logo, mais larga, emprestada ou esquecida, e o pé direito arrastava um pouco mais que o esquerdo como se tivesse dormido em posição errada, e o caminho até o ponto foi o mesmo, mas o passo mais curto, e o ônibus chegou um minuto antes, e ele subiu já sabendo que teria que ficar em pé, mesmo com bancos vazios, porque o corpo agora não buscava descanso, apenas mantinha a posição. Denise acordou antes do despertador, não por ansiedade, mas porque a filha tossiu menos naquela madrugada e ela pôde dormir mais fundo por menos tempo, e quando se levantou, não acendeu a luz da cozinha, fez o café em silêncio, deixou o pão inteiro, não cortou ao meio como sempre, pegou a marmita ainda pela metade, guardou mesmo assim, e quando passou pela sala, viu a

menina deitada de lado com os olhos entreabertos, e disse apenas: “volto cedo”, sem esperar resposta, atravessou a rua, dobrou à direita e chegou ao ponto ao mesmo tempo que Marcos, que já estava com uma sacola pequena nas mãos, e por um instante os dois ficaram em silêncio um ao lado do outro, sem olhar, até que o ônibus parou, e ela entrou primeiro, ele depois, sentaram em bancos separados mas do mesmo lado, e desceram no mesmo ponto, com três passos de diferença entre eles, sem falar. Oscar acordou mais tarde, com o corpo grudado no lençol, o braço coçando sob a fita adesiva, e o quadril dolorido do lado esquerdo, mas, ainda assim, levantou, vestiu a mesma camisa do dia anterior, calçou os mesmos tênis, pegou a mochila que ainda cheirava a cimento, e saiu sem café, sem lavar o rosto, sem pensar em mais nada além do trajeto, atravessou a rua, pegou a linha que cortava o bairro por dentro, desceu duas quadras antes do galpão, e andou pela lateral onde os carros estacionavam sem vaga, chegou antes do horário, encostou no portão já aberto, esperou, e viu quando Denise chegou com a bolsa atravessada no peito e os olhos fixos no chão, e viu quando Marcos chegou também, logo atrás, com o passo mais pesado que o habitual, e viu que todos os três

estavam ali antes do tempo — não por acaso, mas porque agora o corpo tinha outro fuso. O encarregado ainda não havia aparecido. O portão estava meio aberto. Os primeiros funcionários começaram a chegar. E os três, já dentro, sem se falar, já estavam em seus lugares — como quem se reconhece não por nome, mas por função dobrada. O galpão havia mudado de nome, mas não de cheiro, nem de calor, nem do som metálico que vibrava pelas chapas de zinco quando as empilhadeiras batiam nas quinas do espaço estreito, e naquele dia, pouco depois das onze, quando o apito ainda não tinha tocado mas o corpo de cada um já havia pedido alguma trégua, Marcos largou a caixa na pilha torta, enxugou o rosto com a manga da própria camisa, dobrou os joelhos até quase agachar e depois subiu devagar, como quem calcula o próximo passo a partir do que ainda resta de fôlego, e andou até o fundo do pátio, onde havia um banco de cimento, cinza, liso, coberto por um pó branco que não saía nunca, sentou com os pés afastados, as mãos apoiadas nas coxas, e só depois de respirar fundo duas vezes é que puxou da mochila um embrulho de papel-alumínio, amassado pelas horas, abriu com os polegares, partiu o pão com uma única torção e comeu metade sem olhar para o chão,

mastigando devagar, como quem não queria nem engolir nem ficar com fome. Ficou assim por minutos inteiros, sem se mexer, até ouvir passos ritmados vindo pela lateral do galpão, e quando levantou os olhos viu Denise com a marmita branca na mão esquerda e uma garrafa de plástico na direita, o coque apertado, o rosto suado e a camisa dobrada no antebraço, e ela hesitou ao ver o banco, não por dúvida, mas porque o corpo precisa de confirmação mesmo quando sabe que vai parar, e Marcos empurrou o quadril para o lado, bateu levemente com a palma da mão no concreto ao lado, e ela veio, sentou com cuidado, abriu a tampa da marmita, prendeu a colher com o polegar e começou a comer direto, sem palavras, sem olhar para ele, sem pressa. O calor aumentava. O sol batia torto na sombra do muro. O galpão atrás ainda fazia barulho, mas ali no canto tudo parecia andar mais devagar. Denise bebeu um gole da garrafa, passou o guardanapo pelo pescoço, fechou os olhos por um segundo. Foi aí que Oscar apareceu, mancando leve, com a mochila num ombro só e o braço ainda com gaze presa por fita, viu os dois sentados, parou por um instante como se fosse voltar, mas não voltou, veio direto, encostou o pé no canto do banco, olhou para Marcos, depois para Denise,

ninguém desviou, então ele sentou sem pedir espaço, tirou da mochila uma sacola de mercado com dois pães pequenos e uma garrafa de refrigerante morno, colocou tudo no chão entre os pés, abriu o refrigerante com cuidado, bebeu um gole, olhou para os lados, ofereceu a garrafa na direção de Denise, que pegou, bebeu sem cerimônia, passou para Marcos, que tomou um gole curto e devolveu, e ali ficaram, os três, comendo devagar, bebendo devagar, respirando com o que restava de calma, o concreto do banco começando a esquentar pelas costas, o cheiro de graxa e pão misturado no ar, o tempo suspenso não por magia, mas por necessidade, e por alguns minutos — minutos inteiros, cheios, durando — ninguém precisou explicar nada a ninguém. Foram os sons do pátio que vieram primeiro, o chiado do f raspando no chão, o ronco curto da empilhadeira reiniciando, o bater seco de uma porta de contêiner, e foi o corpo de Marcos que reagiu antes da mente, guardando o resto do pão na mochila, erguendo-se sem ruído, limpando o cimento das palmas na lateral da calça, sem dizer palavra, apenas se afastando na direção do galpão com os ombros ainda tensos, seguido alguns segundos depois por Denise, que fechou a marmita, limpou os dedos com o guardanapo

e caminhou sem virar o rosto, como quem já voltava mesmo antes de ter ido, e por fim Oscar, que dobrou o saco vazio de papel, enfiou o resto do pão no bolso da mochila e puxou o boné para baixo da testa antes de seguir os outros dois, cada um voltando por um ângulo, mas todos chegando quase juntos na mesma sombra do galpão, onde o encarregado gritava números e ordens com mais força do que convicção, apontando caixas como se indicasse o destino com o dedo, e a rotina recomeçou sem cerimônia, cada um assumindo um lado da pilha, Denise com os registros, Oscar puxando as caixas menores para o canto, Marcos reposicionando as maiores com o peso do corpo inteiro e os joelhos levemente dobrados para não forçar a lombar, e por quase uma hora nada quebrou, nada, nada caiu, até que um dos paletes cedeu no canto e uma das caixas maiores escorregou da pilha alta, batendo no chão com um estouro seco que fez todos virarem ao mesmo tempo, e quando viraram, viram que foi Oscar quem estava mais perto, e que o braço enfaixado ainda estava estendido como se tivesse tentado segurar o peso, mas não chegou a tempo, e que ele agora estava agachado ao lado da caixa rachada, respirando pesado, o boné caído, o

joelho dobrado com força demais, e foi Marcos quem se aproximou primeiro, que estendeu o braço e puxou Oscar de leve pela axila, que ajudou a levantá-lo sem falar, e quando Oscar ficou de pé, ainda torto, ainda ofegante, foi Denise quem se aproximou por trás com a prancheta na mão, passou os olhos pelo estrago, anotou algo no papel e disse apenas “ninguém viu”, depois virou, e voltou ao posto sem olhar para trás, e os dois ficaram ali por mais alguns segundos, em pé, juntos, ainda sem fala, com o peso da caixa ainda latejando no corpo, mas agora sabendo — mesmo sem saber como — que alguma coisa havia mudado. O dia terminou como os outros, com o som metálico da porta do galpão se fechando por dentro e o alívio mudo de quem sai sem carregar mais nada além do cansaço, e Marcos foi o primeiro a dobrar a esquina, caminhando pelo mesmo trajeto de sempre, mas agora com o ombro esquerdo levemente inclinado, como se ainda sentisse o peso da caixa que não carregou, como se o esforço de outro tivesse se inscrito nele, passou pelo muro descascado, pela árvore de tronco grosso, pelo homem no banco — ainda ali, ainda dormindo, ou fingindo — e entrou pela porta de casa com o mesmo gesto de todos os dias, mas demorou mais tempo

para tirar os sapatos, e ficou com a camisa ainda colada ao corpo enquanto esquentava a água no fogão, e quando se sentou para comer, sozinho, em silêncio, o banco de cimento do pátio ainda doía nas costas como se estivesse ali. Denise desceu do ônibus cinco pontos depois do habitual, porque a filha estava com a vizinha e não havia pressa para chegar, e porque o corpo já não obedecia direito às decisões que o horário exigia, e porque o trajeto do dia tinha se alargado em direção a algo que ela não soube nomear, então caminhou três quadras sem urgência, entrou numa padaria que ainda estava aberta, comprou dois pães e um leite de caixinha, e saiu sem comer nada, passou pela praça com bancos vazios, viu um menino jogando bolinhas de gude no chão da calçada, sentiu vontade de dizer para ele sair dali — não por cuidado, mas por ruído — e não disse, apenas desviou, chegou em casa com os ombros baixos, abriu a porta devagar, pendurou a bolsa no gancho da parede, viu a filha dormindo no sofá com a TV ligada num desenho sem som, desligou, sentou no chão com as pernas cruzadas, e ali ficou por longos minutos, com as mãos abertas sobre o joelho, respirando como quem ainda não havia deixado o pátio. Oscar saiu depois dos dois,

ficou um tempo encostado na parede do galpão com a mochila entre os pés, fumando o cigarro emprestado de outro carregador que não falou o nome, e só depois de dar três tragos e devolver o toco é que se moveu, atravessou a rua com o sol batendo de lado, pegou o mesmo caminho de sempre, passou pelo bar fechado, pelo cachorro preso, pelo poste onde costumava esperar serviço, mas agora não esperava mais nada ali, só passava, e quando chegou à pensão, subiu a escada devagar, sentindo a perna direita travar no segundo degrau, entrou no quarto com o cheiro forte de mofo e camiseta suada, sentou no colchão, tirou os tênis com uma só mão, largou-se para trás com um som rouco que saiu do peito, e ficou olhando o teto, o corte no braço coçando sob a fita, o corpo inteiro pulsando como se ainda segurasse o objeto que não conseguiu evitar, e mesmo sem dizer palavra, soube — no músculo, na dobra do joelho, no silêncio da descida — que alguma coisa agora faltava quando ninguém estava por perto. No segundo dia seguido de trabalho com carga dobrada, antes do primeiro intervalo, quando as caixas ainda estavam empilhadas no canto esquerdo do pátio e o sol não havia rompido as nuvens baixas, o encarregado apareceu com um rapaz

ao lado, magro, ténis limpo, mochila pequena nas costas, cabelo aparado, barba mal feita, e anunciou sem virar o rosto que ele ficaria por ali por uns dias, “ajudando na reposição”, e apontou para Oscar como quem distribui responsabilidade sem consultar o peso, e Oscar apenas assentiu com um gesto curto, voltou para as caixas, e não olhou de novo, mas ouviu os passos do novo subindo no palete, perguntando “onde vai essa?”, e não respondeu, apenas puxou outra caixa e indicou com o queixo, e o rapaz entendeu, mas sorriu, e o sorriso não cabia ali, não se encaixava no cimento, nem no cheiro de graxa, nem no som do metal, e Marcos viu de longe, e Denise também, cada um do seu lado, e perceberam sem combinar que o ritmo do corpo novo era outro — mais rápido, mais solto, mais leve, como se o peso das caixas não pegasse na parte funda das costas, como se o tempo do pátio fosse o tempo de uma manhã qualquer, e o atrito começou assim: Oscar a posição de uma caixa porque o outro reposicionou sem avisar; Marcos recuando dois passos a mais porque o novato estava parado onde não devia; Denise tendo que reescrever um número porque o formulário foi preenchido com letra que não se lia — e nada disso gerou fala, nem queixa, nem

aviso, mas o corpo de cada um começou a endurecer, como se para compensar a leveza do outro. No intervalo, o banco estava ocupado. O novo sentou ali primeiro, com um lanche comprado fora, um suco de caixinha, e perguntou alto se alguém queria, mas ninguém respondeu, e ele mordeu o pão com presunto e ficou olhando o movimento como quem assiste de fora, e quando Denise chegou, viu o banco cheio, encostou no muro, abriu a marmita em pé, comeu sem dizer nada, e Oscar encostou no poste, bebeu da garrafa, comeu o pão direto da mão, e Marcos ficou de pé junto à sombra do contêiner, com o mesmo pão de ontem na mochila, sem vontade de tirar, e todos comeram, mas agora cada um em seu ponto, e o centro da pausa estava ocupado demais para ser partilhado. O intervalo chegou do mesmo modo que vinha chegando nos últimos dias, sem anúncio, sem toque de sirene, sem marcação no relógio de parede que continuava travado em sua própria hora inútil, mas todos sabiam, porque o corpo sabia, e foi por isso que Oscar soltou a caixa antes de empilhar a última camada, Marcos desligou a máquina no meio de uma sequência que podia continuar mais dois minutos sem dano algum, Denise fechou a planilha com um clique que nem chegou a

fazer barulho, e os três, com o mesmo atraso medido do dia anterior, foram saindo pelo fundo do galpão, passando pela porta lateral que não batia direito, atravessando o cimento quente com o sol quase no ponto mais alto, sem pressa, sem conversa, sem gesto de espera, cada um indo pelo traço conhecido, ocupando o espaço que sabia ocupar, até que chegaram ao canto do pátio onde antes havia banco, depois chão, depois só presença, e pararam ali, na mesma formação, Denise mais à frente, sentada direto sobre a calçada com a marmita no colo e o cabelo preso com o elástico frouxo, Oscar encostado no mesmo pedaço de muro, a mochila jogada entre os pés e a respiração lenta, Marcos ao lado, de pé, sem apoiar as costas em lugar nenhum, segurando a garrafa de plástico ainda cheia como se pesasse mais do que devia, e o rapaz novo chegou alguns segundos depois, com o mesmo passo apressado de quem acha que está atrasado para algo que não começou, e parou a meio metro dos outros, abriu o pacote de bolacha recheada com o mesmo estalo de sempre, mastigou com a boca fechada e os olhos no celular, sem notar que ninguém o olhava, mas também sem se dar conta de que todo o ritmo ali já estava distribuído antes dele chegar, e ficaram assim, todos juntos e não

exatamente juntos, com o calor do cimento subindo pelos pés, com o sol batendo mais forte no lado esquerdo do corpo, com o som do trânsito filtrado pelas paredes do depósito, com o tempo passando sem pressa e sem pausa, e mesmo sem olhar uns para os outros, mesmo sem mover o corpo em direção a ninguém, havia entre os três algo que não precisava ser dito nem mostrado, mas que se mantinha, não como lembrança, nem como costume, mas como uma espécie de acordo antigo que não exigia palavra, e o novo, ali perto, comendo com cuidado e limpando os dedos na calça, parecia estar do lado de fora de algo que ninguém havia construído de propósito, mas que estava ali, firme como a sombra desenhada entre os corpos, e quando o intervalo terminou, não por comando, mas por movimento simultâneo, os três se levantaram ao mesmo tempo, devolveram os objetos ao lugar de sempre, e voltaram a andar, na mesma ordem, no mesmo passo, enquanto o novo ficou ainda alguns segundos parado, olhando o resto da bolacha na embalagem, sem saber se guardava ou jogava fora, até que dobrou o pacote com calma, colocou no bolso e foi atrás. A tarde começou como sempre começa, sem que ninguém diga, sem que algo mude de fato,

apenas com a luz do galpão ficando menos necessária e o calor voltando de cima em vez de vir do chão, e os gestos continuaram os mesmos, mas mais lentos, mais fundos, mais presos aos músculos, como se cada ação tivesse agora um segundo a mais do que devia, e mesmo assim ninguém parava, porque o corpo já sabia a sequência e bastava deixar que os movimentos viessem, ainda que mais pesados, ainda que mais ásperos, e Oscar continuava empilhando com o braço bom e segurando com o outro, agora quase imóvel, apenas encostado no quadril, e Denise andava de uma ponta a outra do setor com a prancheta na mão, marcando os mesmos números que já conhecia de cor, como se o lápis se movesse por conta própria, com os olhos mais baixos do que de costume, sem pressa entre uma anotação e outra, e Marcos apertava parafusos numa sequência que não precisava de atenção, mas que mesmo assim exigia o corpo inteiro, porque a ferramenta vibrava com mais força do que o necessário e fazia o braço tremer até o ombro, e todos os sons do galpão pareciam mais altos, mais próximos, mais lentos, e o rapaz novo ainda estava ali, fazendo tudo no tempo certo, dizendo bom dia quando passava, perguntando se podia ajudar, indo buscar peça

quando faltava, mas mesmo com tudo certo havia nele algo que não se fundia ao espaço, algo no modo como se aproximava ou se afastava, como se seus gestos tivessem outra lógica, outro tempo, outra vibração, e os três sabiam, sem pensar, que a presença dele exigia uma reorganização de detalhes, não por má vontade, nem por exclusão, mas por necessidade de equilíbrio, como se para ele caber alguém tivesse que se mover meio passo para o lado, e esse meio passo se espalhava, se acumulava, e a tarde ia passando com os corpos trabalhando como podiam, sem conversa, sem interrupção, cada um em seu canto, respirando mais fundo do que o normal, com as costas suando onde antes não suava, com o cansaço descendo mais cedo para as pernas, e o tempo seguia, inteiro, largo, arrastado, até que as luzes do teto começaram a se acender mesmo com o sol ainda no céu, e ninguém comentou, ninguém olhou para cima, apenas aceitaram a mudança de luminosidade como parte do dia, e seguiram, porque naquele lugar o fim não vinha com marcação, mas com o corpo já não dando conta do que sempre deu. O fim do dia chegou como os outros, com o barulho das máquinas reduzido a um ronco de fundo e o galpão respirando mais quente do que fora

dele, porque o calor do cimento não se desfaz tão rápido quanto o movimento dos corpos, e quando o encarregado passou sem dizer nada, apenas anotando algo num papel já dobrado, Oscar largou a última caixa ao lado da bancada, com a palma da mão vermelha de atrito, e Denise recolheu os papéis da planilha com a ponta dos dedos, um por um, dobrando sem pressa, enquanto Marcos ainda apertava os últimos parafusos do suporte, não por obrigação, mas porque a ferramenta estava na mão, e ainda era cedo para parar se ninguém dissesse que já podia, e os três saíram sem marcar passo, em linha irregular, cruzando o pátio de canto, onde o portão lateral já estava encostado, e a rua parecia mais vazia do que deveria, como se os carros também tivessem cessado antes da hora, e na esquina o ônibus veio arrastando um som mais longo, os pneus mais fundos, a porta abrindo com o estalo de sempre, e Oscar subiu, passou direto, Denise logo atrás, com a bolsa firme no ombro, e Marcos ficou na calçada, o pé direito ainda avançado, como se fosse subir, mas o corpo não seguiu o gesto, e ali ficou, com a mochila no ombro esquerdo e o peso inteiro jogado no calcanhar, olhando para a porta aberta como se o tempo ainda permitisse a decisão, até o

motorista fechar a porta e seguir, e o ônibus partiu com dois corpos a menos no mundo de fora, deixando Marcos ali, com a poeira levantada pela partida e a cidade respirando mais devagar, e ele virou devagar, atravessou a rua sem esperar o semáforo, entrou na padaria da esquina sem olhar nada além do chão, comprou um pão e uma bebida, pagou com nota amassada e saiu, caminhou duas quadras até o muro da escola velha, sentou no banco de concreto encardido, colocou o pão ao lado, apoiou a garrafa entre os pés, e ali ficou, sem comer, sem beber, sem fazer nada com o tempo a não ser sustentar o corpo contra ele. Denise sentou na parte da frente do ônibus, como sempre fazia quando havia lugar, porque a janela era trincada e deixava passar um fio de ar que não era vento, mas bastava para manter o corpo desperto, e ajeitou a bolsa no colo com a mão esquerda enquanto a direita segurava o ferro do banco da frente, não por instinto, mas porque naquele ponto do trajeto havia sempre uma curva mais fechada que fazia o corpo escorregar um pouco, e ela sabia disso, assim como sabia o tempo de cada freada, o som de cada lombada, o instante exato em que o ônibus se enchia demais e a pausa do trajeto desaparecia no acúmulo de corpos, mas naquele

dia a curva passou e o corpo dela não deslizou, o ar da janela parecia mais seco, mais ausente, e a mão que segurava o ferro escorregou sem precisar, porque o movimento não veio como de costume, e só então ela percebeu que havia contado três passos antes de subir, quando geralmente eram quatro, e que Marcos, que costumava vir atrás, não subira com eles, e não havia passo atrás do seu, nem corpo passando pela catraca, nem presença muda se posicionando no fundo do ônibus, e embora soubesse que cada um tinha seu tempo, e que ali ninguém devia nada a ninguém, algo no silêncio do coletivo parecia mais cheio do que o normal, como se um som tivesse sido retirado do fundo da cena, e o trajeto seguiu, com os mesmos postes, as mesmas casas, os mesmos sinais, mas Denise não olhou nada, ficou com o olhar fixo no ponto de embaçamento da janela, onde a trinca dividia o vidro em duas partes desiguais, como se o mundo lá fora estivesse partido em dois pedaços que não se encaixavam mais, e mesmo assim seguiam juntos. Oscar se sentou mais ao fundo, perto da porta de saída, como fazia sempre que o corpo estava mais pesado do que o dia, e apoiou os dois antebraços sobre as coxas, com as mãos entrelaçadas e o olhar

voltado para o chão do corredor, não porque houvesse algo para ver ali, mas porque o movimento do ônibus fazia com que os pés dos passageiros adiantassem ou recuassem um centímetro a cada freada, e aquilo era o bastante para ele acompanhar a respiração do trajeto, como quem marca o tempo não no relógio, mas no impulso dos tornozelos, e enquanto sentia o barulho do motor passando pelas pernas como vibração opaca, percebeu que Denise havia subido, que tomara o lugar de sempre na parte da frente, e que ninguém mais havia entrado atrás dela, e que o espaço entre eles — geralmente medido pela ordem dos passos e pelo ruído do cartão encostando na catraca — estava mais longo, mais vazio, como se o ônibus tivesse freado com uma pessoa a menos, e não olhou para frente, não procurou ninguém com os olhos, mas ficou ali, curvado sobre o próprio corpo, como quem carrega peso que não é visível, mas ocupa, e quando o veículo fez a primeira curva mais aberta da linha, onde o banco costumava ranger por baixo, sentiu o encosto vibrar de outro modo, como se faltasse a contrapressão de alguém sentado no banco de trás, e deixou escapar um ruído leve pela boca, algo entre um suspiro e um esforço de garganta, mas não como

lamento, nem como surpresa, apenas como som que o corpo faz quando não consegue mais segurar tudo para dentro, e então encostou a cabeça na janela, olhou para fora sem ver, e deixou o resto do trajeto passar por ele como se estivesse debaixo da linha de um tempo que já não lhe dizia respeito, e ficou ali até o ponto final, quando o ônibus parou por completo e a luz do corredor apagou antes que ele percebesse que era hora de levantar. Marcos ficou no banco da escola desativada até a luz da rua acender, sem perceber a troca, porque o corpo já havia se acostumado com o dia ficando escuro por dentro antes de escurecer por fora, e as pernas continuavam firmes no chão, os cotovelos apoiados nos joelhos, o pão ainda no colo, a garrafa intocada entre os pés, e mesmo com o som dos carros diminuindo, com os passos rareando, com o vento mudando de direção e trazendo um frio mais fino que cortava pela manga, ele não se moveu, nem para ajustar o casaco, nem para esticar as costas, porque naquele ponto do dia o corpo não pedia mais conforto, apenas espaço para durar, e o banco, mesmo torto, mesmo áspero, mesmo mal iluminado, oferecia exatamente isso: permanência sem exigência, lugar sem retorno, superfície onde o peso inteiro podia existir sem

que alguém pedisse explicação, e ficou ali enquanto as janelas do prédio da frente acendiam uma a uma, luzes brancas e amarelas se espalhando sem ordem, e crianças voltando do mercado com sacolas arrastando pelo asfalto, e cachorros latindo mais forte a cada porta batida, e um grupo de três adolescentes atravessando a rua com risada alta e passos largos, mas nada disso o chamava, nada o feria, nada o trazia de volta, e mesmo quando o pão começou a endurecer e a garrafa acumulava o orvalho da noite em volta do rótulo, não houve gesto de recuo, nem de fome, nem de sede, porque o corpo não queria mais nada além de continuar onde estava, como se o resto — casa, banho, cama, sono — tivessem deixado de fazer parte da ordem possível do dia, e a única coisa que ainda fazia sentido era manter a gravidade funcionando, deixar o peso pousado sobre o cimento, sem desvio, sem resposta, sem deslocamento, até que a noite se completasse não como mudança, mas como continuação do que já havia, e quando a rua ficou quase vazia, e o barulho do trânsito virou murmúrio, e um morador passou devagar empurrando um carrinho com latas amarradas por barbantes, Marcos respirou mais fundo, não como decisão, mas como reflexo de um corpo que

precisa se manter funcionando mesmo sem saber por quê, e então, com a mesma lentidão com que havia chegado, pegou o pão, levantou do banco, colocou a garrafa debaixo do braço e seguiu pela rua sem olhar para trás, sem pensar no caminho, sem calcular o tempo, apenas andando como quem ainda não terminou o dia — mesmo que o dia já tivesse terminado. O dia seguinte começou como todos os outros, com o despertador sem uso, com o corpo abrindo os olhos antes do tempo, com a água da torneira vindo fria demais e a roupa sendo a mesma de ontem porque nenhuma outra tinha secado, e os passos pelas calçadas vieram no mesmo compasso, os mesmos buracos, os mesmos muros, os mesmos cheiros, o mesmo banco com o mesmo homem dormindo, e os ônibus vieram com o mesmo atraso de sempre, a catraca com o mesmo giro, o mesmo trajeto, o mesmo barulho do portão se abrindo antes da hora certa, e mesmo com tudo igual, havia no ar alguma coisa que não estava no dia anterior, uma densidade a mais, como se o concreto estivesse segurando mais o calor, como se o pó do chão levantasse com outra textura, e quando Marcos entrou no galpão não foi o primeiro, nem o último, foi apenas mais um, com a mochila apertada no ombro esquerdo e o boné

puxado até metade da testa, e caminhou direto até o ponto onde sempre começava, pegou a ferramenta sem chamar atenção, ligou o equipamento com o mesmo gesto, mas a mão segurava com outro peso, como se houvesse uma memória ali dentro, um acúmulo de gesto que não se repetia da mesma forma, e Oscar já estava no pátio, empilhando caixas no ritmo exato, sem falar com ninguém, sem parar entre um bloco e outro, apenas deixando o corpo fazer o que precisava, com o corte do braço já quase seco e a camisa ainda com o vinco do dia anterior, e Denise passou por entre eles sem olhar, com a prancheta na mão e o lápis atrás da orelha, os olhos atentos às etiquetas, sem pausa entre um número e outro, e o rapaz novo já estava lá, na mesma postura, nos mesmos gestos, nos mesmos deslocamentos, mas agora havia uma dobra entre os quatro, uma linha invisível que atravessava o galpão e marcava os lados sem que ninguém apontasse, e os três, sem se consultar, foram se encaixando no espaço antigo, ocupando os mesmos cantos, os mesmos pontos de sombra, os mesmos espaços entre uma caixa e outra, como se o corpo ainda lembrasse de onde vinha o silêncio, e o novo, mesmo fazendo tudo certo, mesmo estando dentro da ordem, mesmo sem atrapalhar nada,

parecia sempre ligeiramente fora, como se houvesse uma música que ele ouvia com meio compasso de atraso, e aquilo não gerava conflito, nem ruído, nem olhar atravessado, apenas um descompasso sutil, mas constante, que fazia com que cada movimento dele provocasse nos outros uma microadaptação, um ajuste de posição, uma virada de pulso, e ao longo da manhã isso foi se acumulando em gestos imperceptíveis, em distâncias mínimas, em silêncios que não eram vazios, mas ajustes, e quando o relógio do galpão travou novamente no mesmo horário de sempre, e a pausa foi autorizada por ausência de barulho, os três saíram quase juntos, como já haviam saído antes, com a distância certa entre os passos e o corpo de cada um respeitando o tempo do outro, e o novo foi também, mas foi um pouco depois, um pouco mais rápido, um pouco à frente, como quem chega cedo demais no mesmo lugar onde os outros já estavam. Denise entrou em casa com a chave já encaixada entre os dedos antes mesmo de chegar à porta, porque aprendera que não havia tempo a perder entre o corpo da rua e o da casa, e a filha estava no quarto, os fones no ouvido, o ventilador ligado, o uniforme escolar pendurado atrás da porta com uma dobra fora

do lugar, e ela passou direto pelo corredor, tirando o tênis com o pé, empurrando a bolsa com o joelho até o canto da parede, indo ao banheiro para lavar o rosto, depois as mãos, depois os pulsos, depois a nuca, deixando a água escorrer por segundos a mais do que o necessário, sem olhar o espelho, sem falar com ninguém, e voltou para a cozinha, abriu a geladeira, pegou o pote de arroz, a travessa de feijão e o frango já desfiado que havia deixado de manhã em cima do vidro da prateleira de cima, colocou tudo na panela com o mesmo gesto de sempre, mexendo sem barulho, com a colher de madeira já gasta, a mão esquerda apoiada na cintura como quem precisa sustentar o gesto inteiro com metade do corpo, e não pensava em nada, nem no dia, nem no galpão, nem nos outros, apenas sentia que havia alguma coisa diferente na forma como o ar entrava pelas narinas, como se estivesse mais denso, como se o cheiro da comida não fosse suficiente para preencher a cozinha, e enquanto preparava os pratos e arrumava a mesa com dois copos e dois talheres e duas cadeiras, a filha chegou e sentou no lugar de sempre, e ambas comeram sem conversa, com a televisão ligada num volume que preenchia o espaço entre garfadas, e Denise comia devagar,

olhando mais para o prato do que para a tela, porque o corpo ainda estava no chão do intervalo, com o sol na metade da pele e o gosto do suco amargo na boca, e a cada vez que levantava o garfo, sentia que havia algo a mais no esforço dos dedos, como se o gesto de alimentar-se não fosse só repetição, mas arrasto, como se o dia inteiro estivesse ainda ali, suspenso nos ombros, esperando o corpo parar para se soltar por inteiro — mas ela não parava, e continuava comendo como se isso fosse tudo o que ainda podia fazer. Oscar desceu do ônibus três pontos depois do de costume, não por distração, nem por decisão, mas porque o corpo não respondeu ao aviso automático da linha, nem ao gesto silencioso de levantar como fazia todos os dias, e quando percebeu, o veículo já havia passado, e ele apenas puxou a corda no tempo seguinte, desceu sem pressa e caminhou de volta, com as mãos nos bolsos e os ombros duros de carregar o peso da mochila que não continha nada além da marmita vazia, as chaves, um pano sujo e uma carteira dobrada com papéis que já não usava, e o caminho de volta parecia mais longo, não pela distância, mas porque os passos vinham mais pesados, como se o chão estivesse exigindo um tipo novo de contato, um atrito mais presente, e ao

chegar em casa abriu o portão com o empurrão de sempre, atravessou o corredor com a lâmpada pendurada acesa, largou a mochila no mesmo canto, tirou a camisa em movimento só, deixou cair no chão da sala, foi direto ao chuveiro, ligou a água, entrou com a roupa de baixo, ficou ali tempo demais, sem esfregar o corpo, sem sabão, sem toalha por perto, apenas deixando a água cair sobre os ombros e escorrer pelas costas, e o que escorria não era cansaço, nem pensamento, era o resto do dia inteiro acumulado na pele, um tipo de poeira que não se via, mas pesava, e quando desligou, ficou um instante parado, nu no azulejo manchado, com a cabeça baixa, os pés afastados, a toalha ainda pendurada na porta, secando só a metade da frente do corpo com movimentos lentos, vestindo a bermuda velha sem cuidado, pegando uma camiseta qualquer da cadeira do quarto e deitando na cama com o ventilador ligado mesmo com a noite fria, os olhos abertos, as pernas esticadas, a mão no peito, e o corpo não queria dormir, nem fazer nada, nem levantar, nem comer, nem ouvir música, só continuar ali, sustentando o dia com o peso exato da ausência que se espalhava por dentro como se houvesse um som abafado ainda tocando no fundo do peito, uma vibração

residual que não se nomeava, nem desaparecia, e mesmo sem nome, mesmo sem lembrança, o corpo inteiro sabia que algo havia ficado entre os músculos, algo que o banho não levou, algo que não cabia mais na mochila, algo que não se deixava de sentir mesmo depois do tempo todo passado. Marcos não voltou direto para casa, nem foi para lugar nenhum que pudesse ser chamado de destino, apenas caminhou pelas ruas onde o comércio já estava fechando e os bares ainda não haviam aberto por completo, com o pão ainda no saco plástico, a garrafa já morna debaixo do braço e o corpo andando num ritmo que não obedecia mais a nenhum tipo de função, como se os pés seguissem por conta própria e o resto apenas acompanhasse, e foi assim que atravessou duas avenidas, entrou por uma rua sem nome onde os postes não acendiam mais, contornou uma quadra com as calçadas quebradas e os muros cobertos de pichações apagadas pelo tempo, até chegar a um espaço onde nunca tinha parado antes, um vão entre dois prédios antigos, com um banco de pedra encardida e uma árvore magra sem folhas, e ali se sentou, colocando o pão ao lado e apoiando a garrafa entre os calcanhares, com as costas levemente curvadas e os braços caídos sobre os joelhos, sem pressa, sem

presentimento, apenas sentado como quem ocupa o espaço de forma total, como se aquele lugar sempre tivesse sido seu sem que ele soubesse, e a cidade ao redor continuava viva, com buzinas ao longe, vozes que vinham e sumiam, sirenes breves, passos apressados, mas nenhum desses sons parecia alcançar o corpo, que agora respirava devagar, como se cada inspiração precisasse ser negociada com o tempo, e os olhos de Marcos estavam abertos, mas não fixavam nada, apenas atravessavam a noite como se ela fosse feita de um material grosso, quase palpável, e o peso do dia ainda estava sobre ele, não como lembrança, nem como desgaste, mas como uma segunda pele que não saía, que não secava, que não se transformava em linguagem, e o pão continuava ao lado, intocado, e a garrafa começava a embaçar por dentro, mas ele não se movia, não para comer, não para beber, não para levantar, apenas permanecia, e essa permanência era tudo o que havia, não porque quisesse estar ali, mas porque naquele momento não havia outro lugar onde o corpo pudesse ir, e quando o relógio da igreja próxima bateu as nove, ele não reagiu, não contou, não se mexeu, apenas respirou mais uma vez, lenta, funda, como se cada batida do tempo passasse

primeiro pelos pulmões antes de alcançar o mundo, e a noite seguiu, e ele seguiu com ela, sentado no meio de lugar nenhum, sustentando tudo o que não precisava mais de explicação. O dia seguinte começou com o mesmo céu sem cor das outras manhãs, o mesmo som da água no encanamento, o mesmo pão do dia anterior aquecido na boca do forno, o mesmo ônibus freando três metros depois do ponto, os mesmos passos atravessando o portão lateral, os mesmos ruídos da máquina esquentando antes da primeira peça encaixar, mas quando os três chegaram, cada um pelo seu caminho, no tempo habitual que não precisa de relógio, notaram sem olhar que o rapaz novo não estava, não por atraso, nem por desvio de rotina, mas porque não havia vestígio dele nos objetos, nem nos sons, nem na ordem das tarefas, e a ausência dele não era uma falta, nem um alívio, era apenas o reaparecimento do espaço que havia sido adaptado, e o galpão respirava como respirava antes, mas com outra densidade, como se algo tivesse se soltado no ar, e os três voltaram a ocupar os lugares que conheciam, mas agora com outra postura, não por lembrança, mas por reconhecimento, como se o corpo soubesse com mais nitidez o lugar exato onde devia estar, e Oscar retomou a pilha

pela base, empurrando com os joelhos o que antes levantava com o braço, Denise reorganizou as folhas na prancheta, riscando linhas duplas onde antes passava uma só, e Marcos limpou a bancada com o pano úmido que quase nunca usava, passando pelo canto do parafuso, pela base da morsa, pelo trilho de poeira que se formava onde a luz não alcançava, e ao longo da manhã nenhuma palavra foi dita entre eles, nem precisava, porque os gestos voltavam a se encaixar sem ruído, e mesmo que cada um estivesse distante do outro, havia entre os três uma respiração comum, um tipo de sincronia que não vinha da amizade, nem da história, mas daquilo que se acumula quando os corpos compartilham a mesma sequência de repetições sem se explicarem, e a ausência do novo não era tema, nem incômodo, nem motivo, era só um espaço vazio no movimento que se fazia mais leve por um lado e mais firme por outro, e quando a pausa chegou, não antes, não depois, apenas no tempo certo do desgaste, os três saíram juntos, com a mesma distância habitual entre os corpos, atravessaram o pátio, chegaram ao canto do cimento onde o banco já não estava, mas onde agora havia sombra, e sentaram-se — um no chão, um contra o muro, um de pé —

como quem já sabe onde fica. A pausa veio sem pressa, com o sol batendo mais direto no cimento e os barulhos do galpão silenciando por etapas, como sempre, primeiro a serra, depois o compressor, depois os passos apressados do encarregado sumindo corredor adentro, e os três se encontraram no mesmo ponto de sempre, não por escolha, nem por hábito, mas porque o corpo já caminhava para ali sem precisar de intenção, e dessa vez sentaram quase juntos, não milimetricamente, mas sem a folga de antes, como se o espaço entre eles também tivesse aprendido o tempo exato da convivência, e Denise abriu a marmita, mexeu os grãos com o garfo, comeu sem parar, sem olhar para os lados, como quem come porque o corpo exige, mas com o braço esquerdo mais próximo do de Marcos do que em qualquer outro dia, e Marcos, em pé, encostado no mesmo canto do muro, abriu a garrafa, bebeu um gole curto, limpou a tampa com o dorso da mão e, num gesto que não ensaiou, estendeu a garrafa na direção de Oscar, que estava agachado, com os braços apoiados nas pernas e o rosto baixo, e Oscar não olhou, só pegou, bebeu sem fazer ruído e devolveu a garrafa sem agradecer, sem sorrir, sem mover os olhos, e a garrafa passou de novo para Marcos,

que tampou com a mesma mão, colocou ao lado da mochila e voltou a encostar a cabeça no muro, e o intervalo seguiu assim, comendo, bebendo, respirando, e nada foi dito, nem sugerido, nem precisado, e aquele gesto que antes não existia — o de oferecer algo — não se repetiu nem foi comemorado, apenas aconteceu, no tempo certo da sede e no espaço certo da mão, e isso bastou para que o resto da pausa se sustentasse por inteiro, sem deslocamento, sem incômodo, com o calor da tarde se espalhando pelo concreto e os três dividindo o mesmo retângulo de sombra como se fosse a coisa mais comum do mundo, e quando a pausa terminou, terminou como deve: com os três se levantando quase juntos, pegando as coisas no chão sem olhar para elas, voltando cada um para seu ponto, como se aquele gole de água entre eles tivesse feito o trabalho de um dia inteiro. O fim do dia chegou mais cedo do que o esperado, não porque o tempo tenha corrido diferente, mas porque o corpo de cada um já dava sinais antes que o turno terminasse, e foi por isso que Oscar deixou a última caixa um pouco fora do alinhamento, sem corrigir a posição, Denise empurrou a cadeira dois centímetros além da marca no chão que usava como referência, e

Marcos desligou a máquina antes do último parafuso, mesmo sabendo que faltava pouco, e ninguém disse nada, nem o encarregado, que passou com um papel na mão e olhos no relógio do pulso, nem os outros trabalhadores, que iam saindo por grupos dispersos, cada um no seu tempo, e os três guardaram as coisas como de costume, mas sem a precisão de outros dias, como se o gesto de encerrar já estivesse cansado antes de ser feito, e saíram juntos, não alinhados, mas dentro de um mesmo passo largo, atravessando o pátio com o sol batendo de lado, o portão já aberto, a rua começando a respirar o movimento da cidade que voltava das outras funções, e chegaram ao ponto de ônibus quase ao mesmo tempo, sem conversa, sem gesto de espera, apenas parando como se o corpo tivesse sido puxado para ali, e quando o ônibus veio, mais vazio que o normal, os três subiram em sequência, e dessa vez, sem combinar, sentaram próximos, Denise na janela, Oscar no corredor, Marcos no banco de trás, e ficaram em silêncio, com o barulho do motor ocupando o resto do espaço, e o trajeto seguiu com as mesmas curvas, os mesmos semáforos, os mesmos buracos conhecidos, mas havia entre eles uma presença nova, não visível, não dita, apenas assentada no modo como o

corpo se mantinha, mais próximo, mais lento, mais disposto a continuar dentro do que se formara, e quando o ônibus parou no ponto de Oscar, ele não se moveu, apenas olhou para frente, depois para a janela, depois para os próprios joelhos, e ficou, e no ponto de Denise ela também não levantou, apenas segurou a alça da mochila com mais firmeza e manteve o olhar no vidro, e Marcos não olhou para ninguém, mas ajustou a postura no banco, como quem percebe que o trajeto vai continuar além do costume, e os três seguiram mais um ponto, e depois outro, e depois mais um, como se aquele caminho, pela primeira vez, tivesse deixado de ser apenas o que leva de um lugar a outro — e começado a ser o único lugar possível. A noite caiu sem cerimônia, com o céu apagando em camadas rápidas e as luzes da rua acendendo como se fossem apenas resposta automática ao escuro, e os três desceram juntos, não no mesmo ponto, mas em sequência curta, com passos cruzando calçadas conhecidas e portas que já sabiam como abrir, e cada um seguiu para sua casa, seu cômodo, seu teto, sem se despedir, sem se olhar, apenas carregando o corpo inteiro como se ainda fosse parte do trajeto, e Denise entrou em casa com o cabelo grudado na nuca e a mochila pendendo de um

lado, passou pela filha, que assistia a um desenho em volume baixo, beijou o alto da cabeça dela sem parar, foi até a cozinha, ligou o fogo para ferver a água do café que talvez nem fosse tomar, e sentou à mesa, só por um instante, como quem mede se o chão ainda sustenta o peso do dia, e Oscar empurrou o portão da casa onde morava com o irmão que quase nunca estava, passou direto pelo corredor, tirou a camiseta no caminho e entrou no banheiro com a água já ligada, ficou sob o chuveiro tempo demais, como sempre, mas dessa vez sem apoiar a cabeça na parede, apenas em pé, firme, com os olhos abertos, como quem confirma que o próprio corpo ainda está presente, e depois foi para o quarto, sentou-se na cama, ligou o ventilador e ficou olhando a sombra das pás girando na parede, sem mexer em nada, sem tocar o celular, apenas ali, sustentando o som constante, e Marcos entrou no quarto com o pão ainda na sacola e a garrafa pela metade, largou os dois na mesa sem organizar, tirou os sapatos com o pé, sentou na cama sem se deitar, apoiou os cotovelos nas coxas, ficou assim por minutos longos, até que esticou a mão e acendeu o abajur que quase nunca usava, e aquela luz amarelada cortou o quarto no meio, mas ele

não olhou para ela, nem leu nada, nem moveu o corpo para fora da sombra, apenas deixou a luz acesa, como se algum pedaço do dia ainda precisasse de claridade para continuar existindo, e assim ficaram, cada um em sua casa, em seu canto, em seu corpo, e nenhum deles dormiu cedo, nenhum deles comeu tudo, nenhum deles desligou a luz ao deitar, e mesmo sem saber, mesmo sem tentar, o dia ainda pulsava neles com a mesma cadência — não de cansaço, não de espera, mas de algo que começa a durar mais do que devia. Ketlyn acordou antes do despertador, com o som da chuva fraca batendo na janela e o roçar do tecido do casaco da mãe no corredor, e ficou na cama mais tempo do que o necessário, com os olhos abertos e os pés encolhidos debaixo da coberta, olhando para o teto, para o canto da parede, para o guarda-roupa fechado, e só depois de longos minutos se levantou, foi até o banheiro, lavou o rosto com água fria e prendeu o cabelo em duas voltas apertadas, com o elástico azul que já estava afrouxando, depois voltou para o quarto, vestiu o uniforme por partes, a calça, a blusa, os tênis já prontos ao lado da cama, amarrou os cadarços sentada no chão, e foi até a sala, onde a mochila da mãe estava pendurada no mesmo gancho de sempre, com a aba do

bolso menor um pouco aberta, e ali parou, com o caderno na mão, e retirou uma folha, arrancando com cuidado para não rasgar, depois se sentou no chão, encostada na parede, e começou a desenhar com a caneta de ponta fina que usava para os contornos mais firmes, fez três figuras como no dia anterior, lado a lado, sem rostos, só os gestos, um de pé, um curvado, um com a mão estendida, e abaixo deles desenhou três traços curvos como se o chão fosse inclinado, e no canto inferior da folha escreveu com letra pequena: “se eles soubessem que são assim, talvez parassem de ser tão sozinhos”, e então dobrou a folha duas vezes, sem apertar, e com o papel dobrado na mão foi até a mochila da mãe, abriu o zíper do bolso da frente e colocou ali, entre uma embalagem de lenço e uma caneta vermelha, sem esconder, sem dobrar mais, apenas colocou, com o cuidado de quem sabe onde algo deve ficar, e quando Denise apareceu no corredor, com os cabelos molhados da chuva e a bolsa no ombro, Ketlyn sorriu de leve e disse: “hoje tá mais cinza que ontem”, e Denise assentiu, ajeitou o casaco, pegou a mochila sem olhar para dentro, deu um beijo na testa da filha e saiu pela porta, puxando o trinco com força para não fazer barulho, e Ketlyn ficou na

sala, olhando a porta fechada, com o desenho ainda fresco na memória e o silêncio todo da casa cabendo entre a mesa e o sofá. Marcos acordou antes do despertador, como sempre, mas dessa vez os olhos demoraram a abrir, como se o corpo soubesse que o gesto de levantar não viria fácil, e ficou deitado por minutos que não soube contar, com o lençol puxado até a cintura e a mão apoiada no peito, sentindo o ritmo da própria respiração sem pensar em nada além do peso que ela trazia, e só então se virou devagar para o lado esquerdo, colocou os pés no chão com a sola arrepiada de frio e ficou sentado na beirada da cama, os cotovelos sobre os joelhos, o tronco levemente inclinado para frente, como quem mede o mundo pelo próprio equilíbrio, e quando enfim levantou, foi até a cadeira onde a calça dobrada esperava desde a noite anterior, vestiu uma perna, depois a outra, subiu o zíper sem pressa, fechou o botão com os dedos meio dormientes e calçou os sapatos em silêncio, primeiro o direito, depois o esquerdo, e caminhou até a porta do quarto passando a mão pela parede, não por necessidade, mas por costume, como quem confirma que o espaço ainda está no mesmo lugar, e empurrou a porta com o ombro, atravessou o corredor, abriu a

torneira da cozinha e deixou a água correr até que ficasse morna o bastante para lavar o rosto sem sobressalto, depois bebeu direto da palma da mão, secou com a camiseta e pegou a mochila no gancho sem verificar o conteúdo, porque o conteúdo era sempre o mesmo, e saiu para a rua com o boné baixo na testa, as mãos nos bolsos e o passo firme, mas sem pressa, como se o trajeto até o ponto de ônibus fosse uma repetição exata da noite anterior, e a rua ainda úmida, com o cheiro do cimento fresco da madrugada e o som distante de caminhões descarregando mercadoria, parecia aceitá-lo sem resistência, sem novidade, como se o corpo de Marcos fosse parte da paisagem, e quando chegou ao ponto e encostou no poste, a primeira luz do céu começava a diluir o escuro, e ele nem olhou o relógio, apenas esperou com os olhos fixos no chão, como quem já sabia que o dia viria com o mesmo peso de sempre, mas agora com algo mais fundo no silêncio que o rodeava, como se a própria repetição carregasse, aos poucos, outra coisa. Oscar acordou com o som do vizinho de cima arrastando uma cadeira sobre o chão de cimento cru, um som seco e repetido que não surpreendia mais, mas que bastava para acordar o corpo antes da luz, e abriu os olhos devagar,

sem mover o resto, como se o dia tivesse que ser confirmado primeiro pelo teto, e só então esticou o braço até a beirada da cama, pegou a camiseta jogada no chão e vestiu sobre a pele ainda úmida de sono, sem se levantar, com o tronco curvado e o queixo encostando no peito, e ali ficou por instantes longos, com os pés ainda cruzados sobre o colchão, até que se ergueu de uma vez só, girou o pescoço com um estalo e foi direto até a pia, lavando o rosto com a água que vinha gelada e de cano torto, esfregando com força os olhos, a testa, a nuca, depois pegou a toalha pendurada na maçaneta e secou o rosto com batidas breves, abriu a gaveta da cozinha e pegou o pão amanhecido da noite anterior, mordeu com os dentes de trás, segurando o miolo com a palma da mão e mastigando com a boca semiaberta, e entre uma mordida e outra foi calçando os tênis velhos, sem desamarrar, apenas enfiando o pé e empurrando o calcanhar com um golpe de força que amassava o contraforte, e saiu de casa com a mochila pendurada num ombro só, a chave no bolso da frente e o olhar fixo em nada, atravessando as mesmas quatro quadras com o mesmo passo firme, desviando dos mesmos buracos, dos mesmos cachorros soltos, do mesmo carro estacionado com a roda sobre

a calçada, e quando chegou ao ponto de ônibus, encostou na mesma pilastra de concreto que costumava riscar com o polegar, e olhou para os lados sem buscar ninguém, apenas acompanhando o movimento como quem marca tempo com o pescoço, e ficou ali, com o vento leve batendo nas laterais da camisa, o rosto fechado não por raiva, mas por economia, como quem não quer gastar expressão antes da hora, e quando o ônibus surgiu na esquina com o farol ainda aceso, Oscar não levantou a mão de imediato, esperou o veículo se aproximar o suficiente para sentir o tremor do motor no chão, e só então fez o gesto exato, com o braço esticado e os dedos firmes, como quem chama algo que virá de qualquer jeito, e subiu pela porta da frente sem olhar para o cobrador, passou o cartão sem dizer nada, e ocupou o banco do fundo com o corpo todo, como quem não deixa sobrar espaço entre si e o assento, como quem sabe que o dia, mais do que começar, precisa ser sustentado desde o primeiro segundo. A manhã no galpão começou com o portão lateral abrindo dois minutos antes da hora marcada, o que não era raro, mas suficiente para quebrar o compasso de quem esperava pelo som do trinco, e Denise foi a primeira a entrar,

passando direto pelo corredor estreito onde o eco das botas ainda era o mesmo de sempre, atravessando até sua mesa com a prancheta já presa no antebraço e o cabelo preso com dois elásticos, sem olhar para os lados, apenas com o corpo centrado, como quem sabe exatamente o que deve ser feito, e colocou a bolsa no chão ao lado da cadeira, sem pressa, ajeitou a lapiseira sobre a planilha e começou a marcar os quadrados como fazia todos os dias, mas com uma leveza no punho que não era comum, como se o gesto inteiro estivesse menos amarrado ao esforço, e Oscar chegou em seguida, com o corpo já aquecido pela caminhada e os ombros relaxados, passou direto pelo setor das caixas e começou a empilhar sem medir, mas com precisão, os braços alinhados ao tronco, os pés abrindo caminho sem arrastar, e Marcos entrou por último, com os olhos baixos, mas os gestos exatos, ligou a máquina, testou o torque, ajeitou a morsa e começou a sequência de parafusos com o corpo todo entregue ao gesto, como se fosse o único gesto que o mundo exigisse, e assim passaram os primeiros minutos do turno, sem que ninguém falasse, sem que ninguém olhasse para o outro, mas com uma sincronia fina entre os ritmos, como se cada

um soubesse o tempo do outro sem precisar ajustar o seu, e o galpão inteiro funcionava com uma precisão muda, feita de pequenas economias de movimento, pequenos deslocamentos de ar, pequenas respirações contidas, e o bilhete de Ketlyn seguia ali, no bolso menor da bolsa de Denise, entre o lenço de papel e a caneta vermelha, dobrado em duas partes, sem ser visto, sem ser lembrado, mas o corpo dela parecia mais ereto, o pescoço menos rígido, como se algo no centro do dia não estivesse tão deslocado quanto de costume, e os outros dois, sem perceber, mantinham-se numa distância mais curta, como se o ar entre os três estivesse mais concentrado, e o som da produção, mesmo igual, parecia mais abafado, como se as paredes estivessem segurando tudo com mais cuidado, e a manhã seguia assim, sem novidade, sem pausa, sem acontecimento, mas com algo que já não era exatamente o mesmo. O intervalo chegou sem sinal, como sempre, primeiro com o silenciamento das máquinas, depois com os passos desacelerando, depois com a pausa do encarregado na cadeira de sempre, e os três saíram quase juntos, Denise dobrando as planilhas e enfiando na bolsa sem conferir, Oscar limpando a mão num pano velho preso ao cinto, Marcos passando a mão

na testa como quem afasta o pó e não o suor, e caminharam até o fundo do galpão, onde o sol batia pela metade e a sombra era dividida por muros rachados e pedaços de madeira empilhados, e ali se sentaram, Denise com a marmita ainda fechada no colo, Oscar apoiado com as costas no muro, Marcos em pé com a garrafa entre os pés, e o silêncio entre eles não era tenso nem confortável, apenas firme, como se aquele fosse o único modo possível de estar junto naquele espaço, e foi quando Denise abriu a bolsa para pegar o talher que o papel caiu, não com estardalhaço, não como surpresa, apenas caiu — flutuando entre os objetos e pousando sobre o cimento com a dobra voltada para cima, e ninguém reagiu de imediato, nem ela, que apenas olhou o que havia caído como quem não lembrava de ter colocado ali, nem Oscar, que acompanhou o movimento com os olhos sem mover o corpo, nem Marcos, que permaneceu com os braços cruzados, apenas com o queixo levemente inclinado na direção do papel, e Denise se abaixou para pegar, virou o papel devagar, leu com os olhos apenas uma linha — e não disse nada, apenas guardou de novo no bolso da bolsa, com mais cuidado desta vez, e o gesto, mesmo pequeno, foi visto pelos dois, não pelo conteúdo, mas pela

maneira como ela segurou o papel, como quem sabe que aquilo veio de fora, mas também veio de perto, e o intervalo seguiu, mas algo se deslocou ali: Oscar ajeitou a mochila mais próxima do corpo, Marcos sentou no chão, coisa que nunca fazia, e Denise começou a comer com mais lentidão, como se o garfo precisasse de tempo entre uma garfada e outra, e nenhum dos três falou, nem comentou, nem olhou de novo para o papel, mas os três sabiam, sem saber como, que o intervalo não era o mesmo de antes, e quando o tempo passou e as máquinas recomeçaram a ranger, eles se levantaram juntos, não no mesmo instante, mas dentro do mesmo fôlego, e voltaram para dentro como se algo tivessem deixado ali, naquele chão, entre o muro e a sombra, que não precisava ser dito — mas que já estava sendo partilhado. Ketlyn sentou na segunda carteira da fileira da direita, como sempre, com o caderno aberto na página de ontem e a caneta azul sem tampa apoiada no canto, e a professora falava sobre multiplicação de frações enquanto escrevia na lousa com letras redondas demais, mas Ketlyn olhava para a janela, não com distração, mas como quem procura no céu a confirmação de que o dia ainda está se desenrolando, e a mochila estava

mais leve do que de costume, como se tivesse esquecido de trazer algo, mas ela sabia que não — sabia que o que faltava estava dentro da bolsa da mãe, e que isso era parte do que devia acontecer, não como plano, mas como caminho natural das coisas, e enquanto os colegas levantavam as mãos para responder ou pediam para ir ao banheiro, ela desenhava com o dedo sobre a madeira da carteira, linhas invisíveis, figuras sem contorno, como se desenhasse de novo aquilo que já havia desenhado mais cedo, e a professora passou pela fileira, olhou o caderno de Ketlyn e disse “precisa copiar, tá?”, e ela assentiu com a cabeça sem pressa, como quem já sabe que vai fazer, mas não agora, e quando o sinal tocou para o recreio, ela foi até o pátio, sentou no degrau do lado oposto ao parquinho e abriu o lanche com cuidado, dois pedaços de bolo enrolados em papel alumínio, comeu metade de um e guardou o outro, e ficou ali, com as mãos sobre o joelho e os olhos fixos no chão, como quem espera um tempo que não depende do relógio, e quando a amiga chamou para brincar de corda, ela foi, pulou as três primeiras rodadas, riu quando errou, voltou para a fila, mas a cabeça seguia em outro lugar, não distante, mas mais abaixo, como se dentro do corpo houvesse

uma lembrança que não era de pensamento, mas de gesto, e quando o recreio acabou e todos voltaram em fila, Ketlyn entrou por último, e antes de sentar, olhou para a mochila por um segundo mais longo, como se quisesse confirmar que estava mesmo vazia, e então sorriu de leve, só com o canto da boca, e abriu o caderno na página nova. O quarto permaneceu onde estava, mesmo depois que os outros três se levantaram e voltaram para dentro, sentado sobre o concreto com as pernas dobradas, os cotovelos apoiados nos joelhos, as mãos pendendo entre as coxas, como quem espera não o fim da pausa, mas o fim do peso que viria com ela, e olhava para o chão não como quem pensa, mas como quem tenta encontrar um centro no espaço onde repousar a própria espessura, e mesmo com as máquinas voltando a funcionar e os sons do galpão reocupando o ar, ele permaneceu mais alguns segundos no mesmo lugar, como se o corpo tivesse esquecido a sequência do gesto seguinte, e então se levantou, devagar, passou pela porta sem tocar as laterais, e caminhou pelo corredor até a pilha de caixas onde estivera mais cedo, e ali recomeçou a movimentar o que não tinha fim, empilhando, girando, arrastando, mas com os pés mal posicionados, como se o chão

estivesse mais inclinado do que de costume, e foi então que a voz veio, sem aviso, sem construção: por que estou aqui?, e ele não parou, nem desacelerou, apenas piscou mais lentamente do que o normal, como se as pálpebras quisessem encobrir o pensamento, mas não conseguiam, e o corpo seguiu trabalhando com precisão estranha, como se uma parte dele soubesse exatamente o que fazer, enquanto outra se recusava a entender, e de novo a voz, um pouco mais próxima, quase dentro do ouvido: quando amo, não sou amado, e quando sofro, não sou sofrido, e ele girou a caixa nas mãos, mas errou o alinhamento, e precisou girar de novo, e ninguém viu, ou se viu, não comentou, porque a falha era mínima, imperceptível para quem não carrega junto a pergunta, e o quarto então respirou mais fundo, não por cansaço, mas por tentativa de abafar o som, e ainda assim veio: qual o sentido de tudo isso, se mesmo quando estou entre os outros, não estou dentro de nada?, e o dia continuava, as luzes acesas, os sons nos seus ciclos, os corpos nos seus ritmos, mas dentro dele havia um espaço onde tudo ecoava sem parar, como se o mundo inteiro fosse um galpão maior ainda, sem portas, onde os pensamentos ricocheteavam contra as

paredes sem nunca sair, e mesmo assim ele seguia, movendo caixas, empurrando peso, sustentando o que ninguém via — e o que doía nele não era não ser ouvido, era que nunca seria sequer percebido como alguém que pensa. A casa ficava num pedaço de terra úmida entre o rio e o barranco, sem numeração, com as paredes de tábuas compensadas cobertas por reboco mal aplicado e o telhado de zinco segurado com pedras nas quinas, e o quarto acordava ali todo dia, com o som das galinhas do vizinho e a buzina de um ônibus que passava do outro lado da margem, sem ponte, só estrada de chão, e não precisava de relógio, porque o corpo já sabia o tempo pelo som do barulho da água contra os pneus ou pelo grito da mulher que vendia bolo na esquina da rua principal, e saía sem pressa, passava a mão pela cabeça raspada, vestia a mesma calça de sempre, o mesmo tênis com o cadarço quebrado, e comia o que tivesse na panela, às vezes arroz com feijão frio, às vezes só pão dormido, e depois seguia pelo beco entre os barracos até a parada improvisada onde o micro-ônibus encostava com as janelas abertas, e ninguém perguntava nada, ninguém dizia bom dia, porque naquele lugar o silêncio era a forma mais segura de permanecer inteiro, e a favela

inteira sabia que seria removida, não agora, mas logo, e os agentes da prefeitura já tinham ido duas vezes conversar, com prancheta e promessa, dizendo que os apartamentos já estavam quase prontos, que todo mundo ia ter chave, box no banheiro, piso novo, garagem comunitária, e todos ouviram calados, como sempre, mas o quarto pensou, sem dizer: e depois que eu tiver chave, como vou pagar a porta?, e a pergunta ficou ali, entre os olhos e o estômago, e mesmo que ninguém respondesse, ele já sabia o que viria — a conta de luz que nunca teve, a água medida, a taxa do condomínio mínimo, o boleto da entrada parcelada, e sabia que não podia negar, nem recusar, porque o mundo estava feito assim, e agora que estava fora do reformatório, agora que carregava caixa no galpão e voltava de ônibus com a mochila encostada no vidro, teria que pagar por tudo que antes era dado por falta, e se perguntava de novo: quando é que um corpo meu vai ser suficiente para sustentar o lugar onde moro?, mas o pensamento não achava forma, só peso, e voltava para o bolso, para a dobra da camisa, para o sol que batia na tábuas do barraco com o mesmo calor de sempre, e ele sentava no caixote em frente à porta, com os pés no barro e o corpo ainda

limpo do banho frio da noite anterior, e ficava ali, olhando o rio passar como sempre passou — não por beleza, mas por insistência. O turno da tarde começou como sempre começa, com a troca de revezamento e o barulho da máquina sendo religado antes mesmo que o corredor se esvaziasse, e os três tomaram seus lugares sem palavra, sem aceno, apenas com o peso do gesto repetido que não pede confirmação, e Denise ajeitou os papéis no canto da mesa, alisando as pontas com o dorso da mão, Oscar já empilhava as caixas novas com mais força que precisão, e Marcos, de pé junto à bancada, regulava o torque da máquina com um leve movimento do pulso, como se soubesse de cor o tempo que o parafuso exige, e tudo seguiria assim — alinhado, simétrico, mudo — se não fosse pela presença do quarto, que também estava ali, como esteve no turno da manhã, com os mesmos gestos, os mesmos pesos, mas com um corpo que nunca se ajustava por completo à lógica do ambiente, e ninguém lhe dava instrução, mas ele executava, não com a disciplina do costume, mas com o cuidado hesitante de quem ainda mede a consequência de cada gesto antes de fazê-lo, e enquanto arrastava uma pilha de caixas até o canto mais afastado do galpão, pensava, ou algo pensava

dentro dele, como se o pensamento fosse um inquilino do corpo, e perguntava: é mais fácil roubar e arriscar tudo, ou trabalhar sem ser visto, existir como sombra que não tem nome?, e a pergunta batia nas costelas, voltava para a garganta, e os braços dele continuavam firmes, mas os olhos pareciam buscar alguma resposta no concreto, nas vigas, no som do motor ao fundo, e a voz insistia: isso aqui é viver, ou é só não morrer?, e ele movia mais uma caixa, sentia o suor descendo pela nuca, limpava com a manga da camisa, olhava para os outros três — e nenhum o olhava de volta, nenhum hesitava, nenhum alterava o compasso, porque o corpo dele não causava interrupção, só exigia recalibragem, como se fosse uma peça emprestada de outra máquina, funcionando, sim, mas com ruído, e o quarto seguia, respirando pelas narinas com força, tentando abafar o que ouvia de si, e pensava: o bem não me serve, o mal não me quer, então onde guardo o resto?, e a caixa escorregou um pouco nas mãos, mas ele firmou de novo, empilhou, virou de costas e voltou, e o chão ainda estava no mesmo lugar, e o dia ainda tinha mais horas, e ele ainda precisava sustentar o corpo com o que o corpo conseguia — e ninguém ali saberia seu nome ao fim da semana. O relógio

do galpão travara de novo, preso entre dois números, como se também recusasse seguir, mas os corpos sabiam. Não pela máquina, nem pelo som, mas pelo cansaço distribuído entre os ombros e a base das costas. Era fim de turno porque os pés doíam de um jeito diferente, porque os olhos piscavam com mais frequência, porque até o barulho das caixas parecia mais grave. Denise empilhou os papéis da prancheta com uma firmeza nova, como se o gesto encerrasse algo mais do que números. Passou o elástico em torno das folhas, guardou o lápis no bolso e puxou o fecho da bolsa com um estalo seco. Oscar limpava as mãos com um pano já sujo demais, dobrando-o em quatro partes antes de guardá-lo no cós da calça. Marcos soltou o motor da bancada com um movimento breve do punho, desligou o botão principal e ficou ali, com a mão ainda sobre o metal, como quem segura uma ausência que pesa. O quarto continuava perto da pilha da lateral, empurrando as caixas maiores com a base da mão, ajeitando os cantos com os dedos abertos, conferindo o nível com o olhar baixo. Fazia tudo certo, mas em outro tempo. Os gestos não erravam, mas não pertenciam. Nenhum dos três se virou para ele. Ninguém observava. Mas o espaço onde ele se movia já se

tornara mais largo, como se sua presença exigisse uma folga que ninguém ofereceu — mas todos respeitaram. Quando o apito do corredor soou, breve como sempre, os quatro saíram quase juntos. Denise foi a primeira a passar pela porta, o passo firme, a bolsa apertada contra o peito. Oscar vinha logo atrás, arrastando um pouco mais a perna direita. Marcos desligava a luz do setor. O quarto veio por último, sem ruído. Já no pátio externo, com a luz do fim da tarde encostando nos muros, Denise diminuiu a velocidade por um instante. O vento bateu contra a manga do casaco e, ao puxá-la para cima, ela pensou — sem querer — no menino novo. Qual era mesmo o nome dele? A pergunta não veio por curiosidade, nem por cuidado. Veio por função: talvez precisasse anotar, referir, mencionar. Mas o nome não veio. Nenhum som, nenhuma sílaba. Apenas uma mancha sem forma. Era... era o quê mesmo? O pensamento ficou suspenso, pendendo de um galho que não existia. E então passou. Sem peso. Sem falta. Do lado, Oscar puxava a mochila com mais força do que precisava. Marcos mexia no zíper da jaqueta como se procurasse algo que não trouxe. O quarto olhava para frente, sem olhar para ninguém. O portão se abriu com o

barulho de sempre. Três saíram. Um hesitou. E o dia terminou como terminam os dias que não têm começo: carregando peso para dentro, sem saber se um dia será possível deixá-lo cair. Ketlyn voltou da escola com o corpo cansado, mas os olhos ainda inteiros, como se o dia tivesse atravessado por dentro dela sem quebrar nada, e caminhava pela rua com os tênis ainda úmidos do pátio lavado, os passos curtos, mas certos, desviando dos buracos da calçada com uma leveza que não era distração, era cuidado, como quem sabe onde pisa mesmo quando não parece olhar, e contava mentalmente os postes do caminho — um, dois, três, oito — porque era assim que media a distância entre a escola e casa, não em metros, mas em repetições visíveis, e sabia que a terceira árvore tinha uma casca rachada e que o cachorro da padaria dormia de lado sempre no mesmo canto, e que o barulho da bicicleta velha do vizinho vinha sempre um minuto antes da curva da esquina, e mesmo que ninguém dissesse nada, ela sabia que o mundo ao redor tinha seus próprios hábitos, como se também precisasse de rotina para continuar de pé, e quando chegou ao portão de casa, girou a chave com cuidado para não fazer barulho, empurrou devagar a porta de madeira que rangia no canto esquerdo e entrou sem

acender a luz, porque a luz do fim da tarde ainda bastava, e deixou a mochila sobre a cadeira com o zíper meio aberto e tirou os sapatos com os pés, um de cada vez, deixando-os lado a lado no tapete encardido da entrada, e então foi direto até a janela do quarto, abriu só a metade da veneziana para que o vento entrasse sem força e a cortina não batesse, e ficou ali por alguns segundos, com o rosto meio escondido pelo tecido leve, olhando para a parede da frente como se esperasse algo que não viria, mas, mesmo assim, continuava esperando, e sentou-se no chão, de pernas cruzadas, puxando a mochila para perto, retirando o estojo com zíper quebrado e o caderno de folhas soltas, mas antes de escrever qualquer coisa, apenas ficou olhando, não para o caderno, nem para o estojo, mas para o espaço entre eles, como se algo ainda estivesse por chegar, algo que talvez nem tivesse nome, mas que dentro dela já existia, e então pegou uma folha sem pauta e começou a desenhar com calma, primeiro uma mão aberta, depois um pé descalço, depois um rosto que não era rosto, só uma sombra com olhos fechados, e abaixo escreveu com a letra inclinada de sempre: eu invento coisas para não esquecer que ainda posso inventar, e guardou a folha

antes mesmo de terminar, como quem sabe que há certas coisas que não precisam ser concluídas para existir, e quando ouviu o som da chave girando do lado de fora, recolheu tudo com rapidez, como quem protege um segredo que não é grave, mas é íntimo demais para o mundo, e a mãe entrou com o rosto cansado e os passos arrastados, e Ketlyn estava sorrindo, não com euforia, mas com uma ternura contida, firme, como quem oferece uma parte de si para segurar o dia do outro no lugar, e perguntou como tinha sido o trabalho, e a mãe respondeu “como sempre”, e Ketlyn assentiu com a cabeça, sem mudar o sorriso, e disse apenas: eu sei, não por ironia, nem por pena, mas como quem diz “eu estou aqui” de um jeito que só se aprende observando muito o silêncio dos adultos, e ficou ali, sentada na beirada da cama, com os pés balançando no ar e as mãos no colo, carregando o peso do mundo que não era dela, mas que mesmo assim ela segurava com firmeza — porque havia descoberto, sozinha, que a leveza também é uma forma de resistência. Denise chegou em casa antes que escurecesse por completo. O portão da frente cedeu à chave com um estalo rápido, e ela entrou sem acender a luz da varanda, empurrando a porta com o corpo,

como fazia todos os dias. Tirou os sapatos ali mesmo, alinhando-os ao lado da porta, mas o esquerdo sempre ficava um pouco mais para frente que o direito, e nunca corrigia. Passou direto pela sala, onde o sofá de almofadas gastas ainda carregava o afundado do corpo da mãe, mesmo sem ela ter se sentado ali nas últimas semanas. A TV desligada refletia a janela. Denise olhou por um segundo, não para o reflexo, mas para a cortina malpassada. Prendeu os cabelos num coque sem espelho e foi até o quarto da filha. A mochila de Ketlyn estava sobre a cadeira. O caderno semiaberto. O lápis deixado em diagonal. A menina vinha logo depois, sabia disso, mas não chamou. Apenas tocou com os dedos o fecho da mochila, sem abri-la. Depois voltou à cozinha e abriu a torneira devagar. Lavou as mãos sem sabão, esfregando os dedos como se quisesse tirar uma poeira que não saía. Pegou o pano de prato do gancho, enxugou sem força, e dobrou três vezes antes de devolver. Da gaveta, tirou a faca menor — a de lâmina curta, com o cabo de madeira escurecido — e colocou sobre a tábua de plástico, sem cortar nada. A faca permaneceu ali. Intocada. Depois foi até o armário alto, subiu no banquinho de madeira que tinha sido reforçado com pregos e que

rangia sempre que era usado, pegou o pote com o nome da mãe escrito em caneta azul desbotada — dona Maria Helena — e deixou-o sobre a pia. Estava vazio. Mas era o pote que ela pegava todos os dias. Respirou fundo, só pelas narinas. Acendeu a luz da cozinha. Fechou os olhos por um instante. E, ao abri-los, falou o nome da filha — só o nome, sem tom, sem chamado. Um nome, para firmar o corpo. Oscar empurrou o portão com o ombro, o trinco enroscando como sempre, a ferrugem riscando o metal com som fino, e entrou sem tirar os tênis, atravessando direto até a área dos fundos onde a luz amarelada da lâmpada pendurada por um fio exposto piscava antes de firmar. Jogou a mochila sobre a cadeira de plástico que cedia no meio, abriu a geladeira vazia de baixo para cima, olhou, não por fome, mas por hábito, e fechou de novo. Pegou o copo de massa de tomate reutilizado na pia, encheu com água da torneira e bebeu de uma vez só, inclinando o pescoço como quem engole para afogar outra coisa. No chão, o chinelo do irmão que não morava mais ali seguia no mesmo canto, lado esquerdo virado, lado direito de pé. Nunca mexia. Passou pelo corredor, tropeçando levemente no degrau rachado da terceira lajota, subiu para o quarto e

jogou-se na cama de molas gastas, sem tirar a camisa, sem tirar o tênis. Ficou ali com o braço cobrindo o rosto. O ventilador ligado na tomada solta girava só até metade, depois fazia um estalo e voltava. Não se mexia. A porta do armário estava entreaberta, e dentro, o uniforme da firma antiga, pendurado ainda no cabide do dia em que não voltou. Do outro lado do quarto, um boné vermelho com a aba virada pra cima estava sobre a estante baixa, encostado num troféu pequeno de futebol de salão — o nome da equipe já apagado. Oscar não olhou para o boné, mas levantou da cama só para endireitá-lo com dois toques rápidos, como sempre fazia. Depois desligou o ventilador e abriu a janela, não para o ar entrar, mas para o som da rua preencher o espaço. Sentou-se na beira da cama com os cotovelos nos joelhos. Ficou ali. O celular vibrou no bolso, mas ele não tirou. O som do ventilador ainda fazia eco no ouvido. O boné vermelho ficou parado. A porta do armário também. A noite entrava como umidade, escorrendo pelas paredes sem ser convidada. Marcos entrou pelo portão lateral, aquele que dava direto para o quintal coberto de folhas secas, e empurrou a grade com o pé, o barulho do arrasto misturado ao som das galinhas do vizinho que

nunca silenciavam, e passou pela varanda sem olhar para dentro. Tirou a chave do bolso, girou uma vez, depois duas, mesmo sabendo que destrancava na primeira. A porta cedeu com o mesmo estalo leve de madeira seca, e ele entrou deixando os sapatos sobre o tapete puído de entrada, o pé direito encostando sempre primeiro no chão frio. Acendeu a luz do corredor e foi até o quarto. Sobre a cômoda, o porta-retratos com a foto dos três — ele, o pai e o irmão — seguia torto, como se o tempo tivesse puxado a moldura para um lado, e ele endireitou com dois dedos, gesto repetido desde que morava ali sozinho. O ventilador de coluna ainda estava coberto com a sacola de supermercado, e ele não tirava, nem usava. Era dezembro, mas a casa parecia não mudar de temperatura. Foi até a cozinha, ligou o rádio antigo que só pegava uma estação, e a voz do locutor entrou cortada por chiados. Pegou o prato de metal no escorredor, o garfo entortado e a tampa de panela que usava como cumbuca. Comeu arroz com ovo requeijado, sem esquentar. Não pela pressa, mas porque não valia o gás. A pia tinha uma caneca de plástico azul com a alça quebrada — era da mãe, que já não estava —, e ele a lavava toda noite, mesmo sem usar. Depois foi até o banheiro, molhou o

rosto, secou com a camisa, não com a toalha, e voltou para o quarto onde o colchão fino ocupava só metade da base de madeira. Tirou a camisa, deixou-a pendurada no encosto da cadeira, mas não se deitou. Sentou-se na beirada da cama com as mãos sobre as coxas. O rádio seguia com voz distorcida. A luz do corredor apagou sozinha. Marcos ficou ali, os olhos fixos no nada, o corpo imóvel, como se o dia ainda estivesse esperando alguma coisa que não veio. E o tempo passou — sem marca, sem gesto, sem fala. Apenas passou. Ketlyn dormia com a cabeça voltada para o lado da parede, o travesseiro baixo dobrado ao meio e o lençol puxado até o ombro, mas os pés descobertos, como se o corpo precisasse lembrar que ainda podia sair dali a qualquer momento, e o quarto estava escuro, mas ela sabia onde tudo estava, o armário com a porta empenada, o criado-mudo que faltava um puxador, a mochila pendurada no gancho improvisado feito com um arame retorcido por dentro da alça da janela, e mesmo dormindo, o corpo dela parecia atento, como se ouvisse o mundo mesmo de olhos fechados, o som do portão da frente, o talher caindo na pia, a torneira que não fecha bem, e entre um barulho e outro o corpo se ajustava sozinho, virando de lado, puxando o lençol, encostando

o joelho na parede, como se houvesse dentro dela um tipo de mapa sem desenho, mas fiel, e quando a mãe entrou no quarto para desligar a luz do corredor, Ketlyn não abriu os olhos, mas sorriu leve, como quem reconhece a presença antes da palavra, e a mãe ajeitou o lençol até os ombros e passou os dedos pelo cabelo da menina com o mesmo gesto de todas as noites, e a menina respirou mais fundo, não para chamar atenção, mas porque o corpo agradece o toque mesmo quando não precisa, e quando a mãe saiu e fechou a porta sem fazer barulho, Ketlyn abriu os olhos no escuro, só por um instante, como se quisesse guardar a noite inteira dentro da retina, e depois fechou de novo, apertando as pálpebras como quem deseja que o sono venha inteiro, sem restos, e ficou ali, imóvel, com o corpo pequeno esticado sobre o colchão, os dedos das mãos entrelaçados sobre a barriga, o coração batendo sem pressa, e mesmo sem entender os nomes das coisas que estavam por vir — boletos, dívidas, trabalho, doença — ela já carregava o reflexo dessas coisas dentro de si, não como medo, mas como uma ternura que escolhe permanecer, e o sono veio lento, mas veio, e com ele, um sonho em que ela estava no meio de um campo muito grande, e corria com uma

mochila leve nas costas, e a mãe vinha logo atrás, rindo com os braços abertos, e não havia fim para o campo, nem casas, nem muros, só vento — e ela não acordou com susto, nem com frio, apenas virou de lado e continuou sonhando, como quem sabe que ainda é possível inventar o mundo por dentro, mesmo que ninguém acredite. Marcos acordou com o mesmo silêncio de todos os dias, mas o corpo pareceu mais lento para sair do colchão, como se o ar tivesse ficado mais espesso durante a noite, e os olhos demoraram a encontrar o teto, mesmo sem escuridão, e ele ficou ali, com a mão sobre o peito e a respiração sem pressa, até que os pés tocaram o chão frio e a pele arrepiou no contato com o azulejo, e levantou devagar, passando a mão pelo rosto, não para limpar, mas para lembrar que o dia começara, e vestiu a calça do dia anterior, como sempre, e calçou os sapatos com o mesmo ritual — direito primeiro, depois esquerdo, puxando o cadarço só até o ponto necessário, sem nó duplo — e foi até a cozinha, onde a torneira pingava com um som regular que ele ignorava havia semanas, abriu a geladeira, viu o espaço vazio onde antes guardava o pote de margarina, fechou, e bebeu um copo de água, sentindo o gosto metálico do cano velho, e saiu sem desligar a luz do

corredor, com a chave no bolso e a mão segurando a alça da mochila, o boné ajustado sobre a testa com a aba baixa, e caminhou até o ponto de ônibus com o passo ritmado, sem pressa, mas firme, como quem já conhece o caminho com a sola do pé, e quando chegou, encostou no mesmo poste de sempre, onde o concreto lascado deixava à mostra a ferragem, e ficou ali, observando os carros passarem, um, dois, quatro, até que o ônibus veio, e ele fez o sinal com a mão já levantada antes da curva, subiu, passou o cartão, não procurou lugar para sentar, apenas ficou de pé, com a mão na barra de ferro e o olhar fixo na porta, como se já soubesse o momento exato de descer, e quando chegou, desceu, atravessou a rua sem olhar para os lados e entrou no galpão, passando pelo portão aberto, pelo corredor estreito e pela porta que sempre rangia, e foi direto até a bancada, pendurou a mochila no gancho, ligou a máquina e encostou as duas mãos sobre o tampo de metal, respirando fundo antes de começar, e só então percebeu que o quarto já estava ali, agachado junto às caixas, virado de costas, mexendo em algo que não precisava ser mexido, e Marcos não disse nada, não olhou por mais de um segundo, não mudou o ritmo do gesto — apenas começou o dia com o

mesmo peso de todos os outros. Oscar acordou antes do despertador, como sempre, com os olhos ainda grudados de sono e o corpo meio atravessado sobre a cama, os pés fora do colchão e a mão direita pendendo para o chão. Levantou devagar, sentou na beirada, ficou ali alguns segundos coçando a nuca, como se estivesse puxando o resto da noite pela pele. Depois levantou, foi até a pia da cozinha e lavou o rosto com a água fria da torneira que espirrava para os lados. Não enxugou. Passou os dedos pela barba rala, encarou o reflexo torto no vidro da janela por menos de um segundo, e foi até o quarto. Pegou a calça pendurada na cadeira, vestiu sem pressa, calçou os tênis que já não tinham mais cadarço, amarrou com um nó de improviso o que restava do esquerdo, e saiu sem café, sem som, sem trancar o portão. A rua estava vazia, só o barulho do caminhão de lixo a duas quadras dali, e o vento arrastava pedaços de plástico sobre o asfalto rachado. Caminhou com o corpo ligeiramente inclinado para frente, as mãos dentro do bolso da jaqueta, a mochila nas costas pendendo para um lado só. No ponto, não havia ninguém. Encostou na parede de sempre e esperou. O ônibus chegou com o barulho velho do motor, e ele subiu sem olhar

para o motorista, passou o cartão com a mão firme e seguiu até o fundo, sentando na mesma fileira do lado esquerdo, perto da janela, mas sem encostar a cabeça. O trajeto era o mesmo. As paradas também. E quando chegou, desceu com o corpo já adiantado no movimento. Entrou no galpão sem dizer bom dia. Passou pelo corredor, virou à esquerda e foi até o empilhamento das caixas. O quarto estava ali. De joelhos, ajustando a base de uma pilha que nem precisava de ajuste. Oscar parou por um instante, apenas o bastante para desviar sem encostar, e depois pegou sua própria carga, empilhou, alinhou, girou o corpo com o peso e soltou sobre o chão com o ruído exato. Nem um centímetro fora do lugar. Não havia incômodo, nem estranhamento, apenas uma presença a mais. Como quando chove e o chão fica úmido por dentro, mesmo sem goteira. Denise acordou com o alarme do celular tocando no volume mínimo, o suficiente para vibrar o travesseiro e fazê-la abrir os olhos. Não bocejou. Apenas respirou fundo, sentando-se na cama com o corpo ainda curvado, os pés no chão, o cabelo preso com um elástico frouxo. Levantou, atravessou o quarto em três passos, acendeu a luz do banheiro e lavou o rosto com as mãos em concha. Não olhou no espelho.

Enxugou com a toalha pendurada atrás da porta, amarrotada, mas limpa. Voltou ao quarto, vestiu-se com gestos precisos: calça escura, camisa de botões, jaqueta clara, sapato que não machucava. Entrou no quarto de Ketlyn com cuidado. A menina dormia de lado, o rosto meio escondido no travesseiro, a respiração leve, o braço estendido para fora da coberta. Denise se aproximou, ajeitou o lençol até o ombro da filha, ficou ali por alguns segundos, depois saiu sem dizer nada. Na cozinha, passou o café sem provar, colocou dois pães dentro do pote, separou um iogurte na geladeira e deixou a lancheira arrumada sobre a mesa. Puxou o fecho da bolsa, conferiu os papéis da pasta, guardou tudo de volta. A rotina era a mesma, mas hoje a luz do céu parecia mais opaca. Saiu de casa com o passo firme, sem se despedir em voz alta, apenas fechando a porta com cuidado. No ponto, cumprimentou com um aceno breve a vizinha do andar de cima. Subiu no ônibus sem olhar para os lados. Sentou-se junto à janela e ficou com as mãos cruzadas sobre a bolsa, os olhos fixos no reflexo do vidro. Desceu no mesmo lugar de sempre, entrou pelo portão do galpão, passou pelo corredor e foi direto para a prancheta onde deixava os registros do dia

anterior. Quando ergueu os olhos, viu o quarto no canto, abaixado, mexendo nos caixotes empilhados. Pensou por um segundo que talvez precisasse avisá-lo de algo, perguntar se sabia a sequência do novo lote. Abriu a boca, mas não disse. Ficou ali, por dois segundos a mais do que o normal, tentando lembrar o nome dele. Não veio. Nenhuma sílaba. Apenas uma presença sem etiqueta, um corpo útil, sem origem. Respirou, guardou o lápis no bolso, e seguiu com o dia como se nada tivesse tentado emergir. O quarto voltou para casa mais tarde do que de costume, com a camisa colada nas costas e os olhos ardendo não de sono, mas de excesso, e subiu o barranco com passos curtos, desviando das poças do esgoto exposto sem pensar, porque o corpo já sabia o caminho mesmo na escuridão, e entrou no barraco de madeira sem acender a luz, deixando a porta encostada com cuidado, como se tivesse medo de despertar algo que já estivesse adormecido dentro das paredes. Tirou os tênis com o pé, encostou um no outro perto da entrada e seguiu até o canto onde a esteira de dormir ainda estava enrolada sobre o compensado do chão, e sentou devagar, com as mãos nos joelhos, sem deitar. Olhou para o teto baixo, onde a telha de zinco tremia com o vento, e

escutou o som dos ratos passando entre as vigas como quem escuta um rádio que nunca quis ligar. Passou a mão pela testa, limpando o suor velho, e respirou fundo, só pelas narinas. Não havia jantar. Não havia mais ninguém ali. Apenas o corpo dele e as vozes que o dia não calou. Ficou assim por minutos, talvez horas. O tempo não se media mais. Depois se deitou de lado, com o braço estendido sob a cabeça e o olhar voltado para a parede de tábuas. Piscou duas vezes, tentando convencer o olho a fechar. Não fechava. E veio de novo: se eu desaparecesse agora, alguém notaria? — e a pergunta não era desejo, nem queixa. Era só pergunta. Depois: vale mais a mão que pesa a caixa, ou a que segura uma arma? — e o pensamento atravessou como caco de vidro, e ele virou de lado, tentando não escutar. Mas o corpo já sabia: o pensamento viria sempre, como febre que não tem remédio. Tentou lembrar do rosto da mãe. Não conseguiu. Tentou lembrar de alguma voz que tivesse dito seu nome com calma. Nenhuma veio. Então pensou: existe nome onde não há quem o diga? — e ficou assim, com a respiração cada vez mais funda, mas sem dormir. O quarto não dormia mais. O corpo repousava por cansaço, mas a mente continuava andando — como se houvesse

dentro dele um pedaço de rua que não terminava nunca, e fosse preciso atravessá-la todas as noites, mesmo sem destino. Do lado de fora, o vento sacudia a lona da casa vizinha. Dentro, o silêncio pesava mais do que o sono. Ketlyn estava no quintal com um galho na mão, desenhando círculos no chão de terra batida, os cabelos presos num rabo torto e os tênis sujos de tinta da aula de artes. O sol já tinha passado do telhado, mas ainda havia luz suficiente para ver as formigas caminhando em fila rente ao muro. Ela as acompanhava com os olhos, sem pressa, como quem observa para entender. Ao lado, uma caixa de papelão com objetos velhos que a mãe tinha separado para doar: uma panela sem tampa, um sapato solitário, três livros didáticos com nome escrito à caneta. Ketlyn pegou um deles, folheou as páginas, mas não leu. Rasgou uma folha do meio e dobrou ao meio, depois ao meio de novo, até formar um quadrado pequeno. Escreveu uma frase sem sentido aparente — “se eu fosse leve, o vento me levava” — e enfiou o papel dobrado dentro do tênis, como se fosse segredo. Ela lembrava de uma tarde em que esperava a mãe na calçada do outro lado da rua, enquanto Denise terminava um turno extra. Tinha visto, por entre as frestas do portão do

galpão, um menino parado perto das caixas, com a mochila torta e os ombros mais baixos que os outros. Foi só um instante, mas ficou. Depois se deitou no chão, com os braços abertos e o rosto voltado para o céu, mesmo sem ver estrelas. O muro da casa do vizinho começava a projetar sombra sobre sua perna esquerda, mas ela não se mexeu. Ouvia a mãe falar ao telefone dentro da casa, o tom tenso, mas contido, palavras cortadas por silêncios longos. Ketlyn reconhecia aquele tom. Era o mesmo que vinha antes de algo mudar. Fechou os olhos. Pensou no galpão onde a mãe trabalhava, nas mãos da mãe segurando a prancheta, nas palavras que a mãe não dizia quando voltava para casa. Pensou no menino que estava lá agora — o que ela tinha visto uma vez, de relance, com os olhos fundos e a mochila torta. Pensou que talvez ele também quisesse ser levado pelo vento. Mas não escreveu isso. Só ficou ali, ouvindo o mundo respirar pelas folhas da árvore mais alta do quintal. E pela primeira vez, desejou que o tempo parasse. Não por medo. Mas porque, naquele instante, nada ainda tinha caído. Marcos acordou com os olhos ainda colados, como se o sono tivesse aderido às pálpebras por dentro. Ficou deitado por longos segundos com

o braço dobrado sobre a testa, a respiração curta, o lençol enrolado na perna esquerda, e o corpo inteiro ainda sem se comprometer com o dia. Quando finalmente sentou, os pés tocaram o chão frio com menos decisão que de costume, e ele não foi direto à cadeira da calça dobrada — olhou primeiro para a gaveta fechada da cômoda, pensou em abri-la, depois não. Pegou a calça de sempre, vestiu devagar, subiu o zíper até a metade antes de lembrar que sempre o fechava todo. Calçou os sapatos sem puxar os cadarços com força. Na cozinha, a torneira pingava no mesmo ritmo de ontem, e o copo que deixara sobre a pia ainda tinha um pouco de água do fundo. Bebeu direto. Passou a mão no boné antes de sair. O céu ainda estava escuro, mas o corpo já seguia o compasso que não precisava mais de luz. Oscar despertou com a perna dormente, atravessada sobre o colchão torto, e demorou para levantar porque os braços não acompanharam o impulso. Sentou-se na beirada da cama, coçou a nuca com força, girou os ombros como quem tenta destravar alguma coisa que não volta mais ao lugar. Calçou os tênis afundando o calcanhar contra a palmilha já gasta. Não passou pela pia. Não enxaguou o rosto. Apenas pegou a mochila do chão com uma mão e

esvaziou o bolso da frente onde havia um papel amassado, uma chave enferrujada e um recibo antigo. Guardou só a chave. Saiu com a porta meio aberta, o trinco falhando na madeira. No ponto, riscou a pilastra de concreto com o polegar como fazia sempre, e quando o ônibus chegou, o farol dianteiro não acendia. Subiu sem levantar a cabeça. Denise acordou com o som da respiração da filha no quarto ao lado — longa, lenta, sem urgência. Não precisou do alarme. Sentou-se na cama com os pés no chão e ficou ali por um tempo que não soube contar, com os olhos baixos e a mão segurando o lençol dobrado sobre o joelho. Prendeu o cabelo em dois gestos curtos, sem espelho. A menina ainda dormia. Fez café sem acender a luz. Passou o pão direto para a lancheira, sem cortar ao meio. Conferiu a prancheta com os olhos apenas, sem tocar os papéis. Saiu de casa fechando a porta com o cotovelo. A rua ainda tinha cheiro de água parada e barro seco. No ponto, encostou ao lado de Oscar sem dizer nada. O ônibus chegou. Entraram juntos, sem olhar para dentro. O quarto acordou antes do sol, mas não se moveu de imediato. Deitado sobre a esteira de dormir, o corpo reconhecia o som das primeiras batidas da manhã: o vizinho tossindo, um rádio mal sintonizado em volume

baixo, uma faca batendo ritmada sobre uma tábua úmida. O teto de zinco tremia com o vento. Pensou: “O mundo tem nome quando é falado. E eu?”. Respirou fundo. A respiração voltou. Levantou sem se espreguiçar, sem ruído, vestindo-se com cuidado, como quem monta um corpo com peças emprestadas. Antes de sair, olhou para a parede por três segundos. Não havia nada lá, nem prego, nem sombra, nem memória. Apenas um ponto onde o olhar repousava por hábito. Desceu o barranco sem pressa, desviando das poças finas com um passo leve, como se o barro reconhecesse seu peso. Encostou no muro lateral do galpão, ainda fechado. O portão trancado com cadeado. Não tentou abrir. Não chamou ninguém. Apenas encostou o ombro e esperou. Pensou: “O que move é o que falta. Então por que continuo indo?”. Quando ouviu passos chegando atrás dele, não se virou. Só esperou o som da chave no metal. Quando o cadeado girou, não foi o primeiro a entrar, nem o último — apenas passou junto, como se fosse parte da ferrugem do portão. O portão demorou para abrir. O encarregado forçou duas vezes antes de conseguir girar a chave. O trinco arranhou o metal com um som mais agudo que de costume. Ninguém comentou. O quarto entrou

junto com os outros, não por iniciativa, mas porque o espaço se abriu. Passou direto pelo corredor, virou à esquerda, sumiu na lateral onde as caixas estavam empilhadas desde o dia anterior. Denise foi para sua mesa, com a prancheta já firme sob o braço. Oscar caminhou até o setor das pilhas, passando a mão na borda das caixas como se testasse o relevo de sempre. Marcos ligou a máquina, testou o torque, ajeitou a morsa com um único toque de punho. Nenhum ruído fora do esperado. Nenhuma ausência. Nenhuma novidade. Na sala abafada da escola, Ketlyn estava sentada na terceira carteira da fileira da direita, com os pés balançando levemente no espaço entre o chão e a cadeira. O caderno de desenho aberto na folha em branco, a caneta azul destampada entre os dedos, o cotovelo apoiado no tampo riscado de nomes e contas antigas. A professora havia proposto um desenho livre, qualquer coisa, valia até colorir fora da linha. Mas Ketlyn não começava. Primeiro desenhou um traço no canto inferior esquerdo, depois outro na diagonal, e então três figuras — duas mais próximas, uma um pouco afastada. Nenhuma tinha rosto. Apenas silhuetas, ombros, peso. Desenhou também o contorno de um chão que se curvava por baixo

dos pés, e sobre ele uma linha mais grossa que atravessava tudo, como se dividisse os corpos sem separá-los. No canto inferior da folha escreveu com letra pequena: “se ninguém olha, ainda é corpo?” e ficou olhando a pergunta por longos segundos, como se esperasse que a resposta viesse de dentro da página. Uma colega ao lado perguntou se era super-herói. Ketlyn sorriu com o canto da boca, sem responder. Dobrou a folha uma vez, depois outra. Não rasgou, não guardou no caderno, nem jogou fora. Apenas a manteve dobrada entre os dedos, com a caneta ainda aberta na outra mão. E ali ficou, com os olhos voltados para a parte de trás da sala, como se precisasse ver o que não estava desenhado. A pausa veio como vinha sempre: sem anúncio, sem sirene, sem marca no relógio que continuava parado desde a última troca de pilha. Primeiro cessaram os sons maiores — o estalo da serra, o sopro do compressor, o rangido da empilhadeira. Depois vieram os menores, como a desaceleração dos passos, o fechar lento das pranchetas, o girar mais contido das tampas de garrafa. Marcos soltou a chave de boca com um leve bater sobre a bancada, não por cansaço, mas por sintonia com o silêncio. Oscar limpou as mãos num pano sujo, dobrando em quatro antes de enfiar

no cóis da calça. Denise guardou os papéis sem alisar as bordas, com um só movimento, como quem já sabe o tempo que o gesto dura. Saíram quase juntos, cada um por um corredor, mas chegaram no mesmo ponto do pátio, onde o sol já passava do meio e a sombra ocupava a faixa estreita entre os blocos. Dessa vez não havia banco, nem objeto entre eles. Apenas o chão liso, ainda morno do calor da manhã. Denise sentou com as pernas dobradas, a marmitta no colo, o cabelo preso em nó frouxo. Oscar encostou o ombro na parede e deixou a mochila entre os pés. Marcos ficou de pé, com a garrafa de plástico nas mãos. Nenhum dos três disse nada. O quarto chegou alguns segundos depois, o passo um pouco mais leve, a sacola de mercado na mão, o olhar rápido para o grupo já composto. Parou a menos de um metro, como quem mede a temperatura do espaço. Abriu o pacote de bolacha recheada com um estalo de plástico. Ofereceu, primeiro com o gesto, depois com um murmúrio: “alguém quer?”. Nenhum dos três respondeu. Ele não insistiu. Pegou uma bolacha, mordeu com a boca fechada, ficou olhando para o chão. Sentou mais perto da sombra do que dos corpos. Oscar bebeu um gole de água direto da garrafa. Marcos abriu a tampa, mas não bebeu.

Denise começou a comer sem levantar os olhos. A pausa se sustentava no corpo, não no gesto. O calor vinha de baixo agora, não mais do alto, e o concreto parecia mais espesso. O tempo não parava, mas também não empurrava. O retorno ao trabalho não teve comando. Quando Denise fechou a marmita, os outros dois já se moviam. O quarto foi o último a levantar, mas não com atraso — apenas sem urgência. Voltaram cada um por um trajeto, mas chegaram quase juntos às posições que já conheciam demais. A luz agora vinha mais lateral. As sombras dentro do galpão estavam mais longas. Os sons pareciam mais cheios, mais fundos, como se o eco tivesse engrossado. Oscar empilhava com o braço bom e equilibrava com o outro, que não fazia força, mas dava direção. Denise marcava os números com um traço mais longo, menos preciso, o lápis raspando o papel com ruído arrastado. Marcos apertava os parafusos com o corpo todo, os pés afastados, os joelhos levemente dobrados, como se carregasse o gesto inteiro na lombar. O quarto movia caixas, puxava pesos, empilhava com ritmo. Fazia tudo certo. Mas em outro tempo. O pé sempre um pouco fora do prumo. O giro do corpo levemente atrasado. O braço não acompanhava o centro de gravidade das caixas. E os outros sentiam, não

com incômodo, mas com ajuste — um pequeno reposicionamento a cada ação dele, como se a presença exigisse uma recalibragem contínua. Pensava, mas não parava: “Talvez ser seja só continuar.” Depois: “Quando penso alto, ninguém escuta. Quando penso fundo, ninguém vê.” E então: “Se eu cair agora, quem corrige a pilha?” O trabalho seguia. A tarde avançava. As caixas iam. A poeira assentava. A luz mudava. Mas nenhuma voz dava nome a nada. Porque o nome do que se sustentava ali não era dito. Era apenas feito, corpo a corpo, peso a peso, ausência por dentro. O fim do turno não veio com sinal. Veio com o corpo. Com o ombro que começou a pesar mais do que o braço, com o joelho que já não dobrava inteiro, com o silêncio que entrou devagar entre os sons sem pedir passagem. O relógio da parede continuava parado, o mesmo horário de sempre, congelado entre duas promessas que ninguém lembrava mais quais eram. Mas todos sabiam. Denise foi a primeira a encerrar. Dobrou os papéis da prancheta sem pressa, como quem fecha uma porta entreaberta. Guardou o lápis no bolso da blusa, puxou o elástico do cabelo com um gesto curto, deixou-o preso no pulso como fazia nos dias em que ainda restava alguma coisa a fazer depois. Oscar

empurrou a última caixa com mais corpo do que força, deixou-a encostar torta no canto, não corrigiu o alinhamento. Limpou as mãos com o mesmo pano da manhã, agora mais úmido do que sujo, e guardou no cós da calça com um vinco novo no tecido. Marcos desligou a máquina num gesto seco, sem ruído de chave, sem movimento de transição. Ficou ali por um segundo com a mão sobre o botão, como quem segura o fim por mais um instante. O quarto ainda estava agachado. Terminava de alinhar uma pilha que ninguém havia pedido para alinhar. A caixa de cima nem estava torta. Mas ele ajustou do mesmo jeito, com os dois braços firmes, o olhar baixo, o corpo ligeiramente inclinado para a esquerda. Quando os outros começaram a sair, ele ainda estava ali, terminando o que não começou. E ninguém chamou. No pátio, a luz era mais dourada, mas não mais quente. O portão já estava aberto. O encarregado fumava um cigarro sem olhar para ninguém. Três corpos cruzaram o espaço ao mesmo tempo, com passos que não se alinharam, mas se mantiveram próximos. Denise ajustou a alça da bolsa no ombro com mais força do que o necessário. Oscar estalou o pescoço para um lado, depois para o outro, como quem desfaz um peso que o dia não

autorizava. Marcos puxou o boné sobre a testa. Ninguém falou. O quarto saiu por último, com a mochila num ombro só, o passo sem falha, mas com outro ritmo. Quando atravessou o portão, os três já estavam a caminho do ponto. Não olhou para trás. Também não apressou o passo. Caminhava como se o chão não lhe pedisse resposta. E o turno terminou assim — não com ordem, não com voz, mas com a matéria do dia cedendo por dentro, como quem avisa sem dizer. Denise chegou em casa com os ombros caídos e a chave já encaixada entre os dedos antes de alcançar a porta. A luz da cozinha estava apagada, mas o ventilador do quarto da filha zumbia num ritmo baixo e constante. Tirou os sapatos com o pé, empurrou a bolsa com o joelho até o canto da parede e atravessou o corredor com a blusa ainda grudada nas costas. Passou pela sala sem acender nenhuma lâmpada. Sentou-se no chão da cozinha, encostada no armário de portas bambas. Ficou ali por minutos longos, com os olhos voltados para o rejunte gasto do piso, as mãos repousadas nos joelhos, sem fome, sem sede, sem movimento. Quando finalmente se levantou, fez isso com um gesto só, direto, como se o corpo estivesse esperando apenas a autorização para seguir. Foi até o banheiro,

lavou o rosto, prendeu o cabelo com o elástico que ainda estava no pulso. Depois acendeu a luz da sala e desligou em seguida, como se testasse se o lugar ainda respondia. Olhou a filha dormindo no sofá, ajeitou o lençol até o ombro dela, passou a mão leve pela testa. Não disse nada. Oscar entrou pela lateral da pensão, o portão encostando de volta sozinho atrás de si. A escada estava escura, mas ele não acendeu nada. Subiu devagar, segurando no corrimão enferrujado que descascava na palma da mão. Chegou ao quarto, jogou a mochila sobre a cadeira de plástico que cedia no centro, tirou a camisa e deixou cair direto no chão. Ligou o ventilador mesmo com a noite fria. A hélice girava com ruído baixo, arrastado, como se girasse mais por hábito do que por função. Sentou-se na cama sem dizer nada a si mesmo, com os cotovelos nos joelhos e o olhar fixo no chão. Ficou ali até o corpo pesar de novo, até que deitou sem coberta, os pés para fora do colchão. Pegou o celular do bolso, olhou a tela acesa sem notificações, depois apagou de novo. Respirou fundo duas vezes. Não fechou os olhos de imediato. Ouviu o som de uma porta batendo no andar de cima. Não reagiu. A mão no peito. A outra solta ao lado do corpo. O ventilador girava. Girava. Marcos andou até em

casa com os passos mais curtos que de costume, como se o chão estivesse menos estável. Chegou, empurrou o portão com o ombro, passou pela varanda sem olhar para dentro. Entrou com o boné ainda preso na cabeça. Largou a mochila no primeiro canto, tirou os sapatos sem desamarrar. Ficou em pé no meio do quarto, os braços soltos ao lado do corpo. A luz do teto ainda acesa, mas os olhos baixos. Caminhou até o banheiro, abriu a torneira, molhou o rosto com a mão em concha. Não usou toalha. Deixou a água escorrer até a gola da camiseta. Voltou para o quarto, sentou-se na beira da cama sem deitar, com os cotovelos apoiados nas coxas e as mãos entrelaçadas. O rádio antigo ainda emitia um chiado fraco, mesmo desligado. Ou talvez fosse só o zumbido da lâmpada. A noite avançava, mas o corpo parecia não querer deitar, não por resistência, mas porque o gesto ainda não tinha autorização. Quando finalmente encostou as costas no colchão, não puxou o lençol. A luz continuava acesa. A casa estava inteira. Mas ele ficou ali, imóvel, como quem sustenta o próprio peso só até a próxima ordem. Nenhum dos três falou naquela noite. Nenhum deles procurou alguém. Nenhum deles dormiu cedo. O corpo de cada um parecia sustentado por

algo que ainda vibrava do lado de fora — como se o turno não tivesse terminado, apenas mudado de nome. Deitou sem tirar a camiseta, sem dobrar a esteira, sem apagar a luz. A luz já não acendia havia dias, e mesmo assim o gesto de não acender continuava. A casa respirava pouco, com o teto rangendo ao ritmo do vento e a lona da porta se dobrando para dentro como se também desistisse. Deitou sem encostar as costas por inteiro, com os ombros ainda sustentando uma tensão que o corpo não soube esquecer. A respiração vinha curta, não por falta de ar, mas por recusa de profundidade. Pensou que já tinha tentado. Que já tinha ido. Que já tinha acreditado. E pensou também que não era só ele. Era tudo. O sistema, a fila, o papel, o crachá, o curso, o tom de voz do assistente social, a espera. Nada daquilo estava ali para funcionar. Estava ali para girar. E o corpo dele não girava mais. Pensou em tudo o que tinha sido oferecido como saída: curso, abrigo, ficha, promessa, palavra, carimbo. Tudo exigia algo antes: nome, documento, número, trajeto limpo, vontade que não doesse. Pensou: “Não é que eu não queira. É que querer cansa. E quando cansa, não adianta querer.” E ali, com a mão sobre o peito, como se tentasse conter uma febre sem

nome, lembrou da primeira vez em que não foi. Não por medo, mas porque já sabia que não daria. Porque o corpo aprende que caminhar até uma porta que não abre ensina mais do que o discurso. E ele aprendeu. Aprendeu que toda mão estendida vinha com preço. Que toda ajuda exigia contrapartida emocional. Que toda inserção vinha com correção de postura, de fala, de roupa, de vício, de história. E ele não tinha história corrigível. Toda mudança, pensava, é só um outro modo de cair. Quem levanta demais vira alvo. Quem fala demais vira promessa. Quem aceita demais vira caso. E caso é o que os outros chamam quando não sabem onde encaixar um corpo. “Me olham como se eu tivesse escolha.” “Me falam como se tivessem o direito de me organizar.” “Pedir é assinar um contrato de obediência.” “Aceitar ajuda é aceitar que não presto.” “Recusar é o único gesto que ainda me resta com meu nome em cima.” Não era orgulho. Era a única dignidade que sobrou: a de não se entregar ao enquadre. “Prefiro ser sobra do que ser cartaz de superação.” “Prefiro cair calado do que subir na mão dos outros.” A raiva não vinha como grito. Vinha como recusa de gesto. Como permanência. Como endurecimento. Como quem transforma o próprio corpo em

trincheira de ninguém. E pensava, deitado no escuro: “O problema não é mudar. É ter que mudar no tempo e no molde que não é meu.” O nome que carrega não é o que dizem. O nome verdadeiro é aquele que ninguém mais chama. O nome que não aparece no sistema. O nome que ficou na porta do reformatório. O nome que morreu quando o pai foi embora sem dizer onde. “Talvez nem nome eu tenha mais. Talvez agora eu seja só função. Peso. Reposição.” Pensava tudo isso sem fechar os olhos. Porque fechar os olhos era se permitir sonhar. E sonhar dói mais do que cair. Porque o sonho te convence de que algo é possível. E o real vem depois, e mata. E então ficou ali, sem sono, sem fome, sem futuro, com o corpo inteiro vibrando como antena de desencanaixe. Se alguém batesse à porta agora, não responderia. Se alguém dissesse que havia solução, não acreditaria. Se alguém estendesse a mão, não pegaria. Não por mágoa, mas porque a recusa virou a única forma de permanecer inteiro. “Só me resta isso: não aceitar. Não querer. Não ir.” E quando a noite avançou, ele não se moveu. Nem de lado. Nem por conforto. Nem por dor. Porque até a dor já não exigia reação. O silêncio pesava sobre a carne como se fosse outra camada de tempo. E o que pensava já não

era pensamento — era resistência mineral, sólida, sem forma de explicação. Porque às vezes o corpo não precisa ser salvo. Precisa ser deixado onde está. Para provar que, mesmo invisível, ainda é matéria. Ainda é resto. Ainda é ruína que não cede. Ketlyn chegou da escola e não acendeu a luz. Deixou a porta encostar atrás de si com o mesmo som leve de todos os dias, tirou os tênis empurrando com os calcanhares e alinhou-os no canto da parede, não por ordem, mas porque os pares, quando estão juntos, descansam melhor. A casa estava quieta. A TV desligada, a cadeira com o afundado do corpo da mãe ainda visível, o copo do café da manhã esquecido sobre a mesa. Não tocou em nada. Foi até o quarto, abriu a mochila sem ruído e retirou a folha dobrada quatro vezes — a que desenhara na escola, com as três figuras de sempre. Mas dessa vez, antes de desdobrar, fechou os olhos por um instante. Como se o papel guardasse algo que só pudesse ser visto com os olhos fechados. Depois abriu. O traço já não era o mesmo. Havia marcas de outros desenhos por baixo, como se o tempo também riscasse. Acrescentou uma linha. Depois outra. No canto inferior, escreveu: “às vezes a sombra é o que sobra do toque que não foi”. Não sabia se era frase ou desenho. Só sabia

que precisava estar ali. Foi até o gancho da mochila da mãe. Abriu o zíper da frente devagar. Dentro havia uma carteira velha com o nome da avó, uma fita de cabelo desbotada, um comprovante de consulta vencido, e um lenço limpo. Dobrou o papel mais uma vez, com o cuidado de quem não esconde, mas também não oferece. Colocou atrás do lenço, junto da fita. Fechou o zíper sem pressa. Depois sentou no chão da sala, onde o sol costumava entrar pela manhã, mas agora só havia a luz branca da lâmpada do poste vazando pelas frestas da janela. Ficou ali, com as costas encostadas na parede, os joelhos dobrados e os olhos voltados para a porta. Não esperava ninguém. Mas precisava estar de frente. Quando a mãe chegou, não houve susto nem surpresa. Só a repetição do gesto — bolsa escorregando do ombro, chave largada sobre a mesa, suspiro entre os dentes. Ketlyn não disse nada. A mãe tampouco. Mas, ao passar por ela, parou por um segundo. Passou a mão de leve pelos cabelos da filha e continuou. E aquele toque não dizia consolo, nem ordem, nem promessa. Era só toque. O suficiente. Ketlyn deitou no colchão antes de ser mandada. Puxou o lençol até o queixo. Virou de lado. Mas os olhos continuaram abertos. Porque havia dias

em que o corpo dormia, mas o gesto precisava ficar acordado. E naquela noite, ela soube, mesmo sem entender: havia algo dentro da mãe que ainda não havia sido dito. E que talvez nunca fosse. Mas agora havia um papel dobrado onde isso podia respirar. Marcos acordou com a luz já atravessando a fresta da janela, mas não se apressou, ficou deitado com os olhos abertos, o braço dobrado sobre a testa e o corpo inteiro imóvel como se tivesse perdido o impulso de levantar, não por cansaço, mas por um tipo de desacordo entre tempo e gesto, e só depois de longos minutos colocou os pés no chão com a sola ainda sensível, sentou na beirada da cama, respirou fundo e vestiu a calça sem olhar para nada, puxando o zíper com uma única mão enquanto a outra segurava a respiração no centro do peito, calçou os sapatos com o calcanhar pressionando o couro gasto até o encaixe, passou a mão pela camisa já vestida de ontem e pegou a mochila sem abrir, saiu de casa com o portão rangendo como sempre, mas não olhou para trás, caminhou pelas mesmas ruas, passou pelos mesmos muros e buracos, dobrou à esquerda no mesmo ponto onde sempre dobrava, mas o corpo ia à frente da intenção, como se o hábito estivesse continuando sem

ele, e chegou ao galpão sem perceber o tempo da caminhada, encostou a mão no portão entreaberto e empurrou devagar, entrou, atravessou o corredor em silêncio, e ao chegar ao pátio ainda vazio, viu o banco de cimento no canto, como sempre, mas vazio, limpo de poeira, com a luz da manhã batendo de frente, e sentou ali antes da hora, antes de qualquer sirene, antes do peso, sem abrir a mochila, sem olhar o chão, sem comer, apenas com os pés firmes no cimento e as mãos repousadas sobre os joelhos, olhando para a lateral do galpão onde o quarto costumava chegar atrasado, e ficou assim, como quem soubesse que nada mais viria daquele lado. Denise acordou com o quarto ainda escuro, mas não se moveu de imediato, permaneceu deitada por alguns instantes com os olhos voltados para o teto e a respiração baixa, escutando o ruído abafado do ventilador no cômodo ao lado, o som da respiração da filha ainda regular, e só então se sentou devagar, sem bocejar, sem pressa, com os pés no chão e as mãos apoiadas na beirada da cama, como quem mede o que o dia exige antes de aceitar, levantou sem acender a luz, atravessou o corredor com o cabelo preso num nó frouxo, foi até a cozinha e abriu a geladeira sem fazer ruído, pegou a marmita de ontem,

ainda com as sobras do arroz e feijão que não esquentara na noite anterior, tampou de novo, guardou sem conferir, e voltou ao quarto, vestiu a calça escura, prendeu o cabelo com o mesmo elástico do dia anterior, calçou os sapatos baixos sem meias, pegou a bolsa, os documentos, a chave, e antes de sair passou pelo quarto da filha, olhou sem dizer nada, viu o corpo coberto até o queixo, o braço solto para fora do lençol, e apenas fechou a porta com cuidado, como quem não quer nem acordar nem se despedir, saiu de casa com o passo certo, atravessou a rua, seguiu pela calçada esburacada, chegou ao ponto antes do horário, encostou no mesmo pedaço de muro onde o sol ainda não batia, e ali ficou com os olhos baixos, a bolsa apertada contra o corpo, como se já soubesse que o que vinha depois não precisava de palavras, só de permanência. Oscar acordou com o barulho do vizinho fechando o portão com força, mas não levantou de imediato, ficou deitado de lado com o braço dobrado sob a cabeça e os olhos abertos voltados para a parede, como quem precisa confirmar o contorno do quarto antes de mover o corpo, depois sentou devagar, calçou os tênis com os pés ainda frios, amarrou os cadarços sem puxar com força, apenas o

bastante para não soltar, e saiu de casa com a mochila leve nas costas, a chave no bolso e o boné empurrado até metade da testa, atravessou o corredor com o passo mais lento que de costume, desceu a escada pulando o segundo degrau, passou pelo cachorro amarrado no fundo do pátio, e quando chegou ao ponto, viu que o ônibus já havia passado, mas não apressou o passo, apenas seguiu andando, contornou a quadra pelo caminho mais longo, passou por um lote vazio onde o mato crescia torto, atravessou a avenida desviando de um caminhão encostado na calçada, e continuou andando sem pressa até o galpão, como se o corpo estivesse dizendo que o dia não precisava começar no tempo marcado, e quando entrou, não olhou para os lados, foi direto até o canto das caixas, deixou a mochila no chão, passou a mão pela primeira pilha como se testasse o relevo, e esperou o encarregado sem falar, com os ombros soltos, o corte no braço já cicatrizado, os olhos ainda firmes como se procurassem apenas onde pisar. Ketlyn sentou na beirada da cama com os pés ainda sem tocar o chão, o caderno aberto sobre as pernas cruzadas e a caneta já sem tampa apoiada no canto da folha, mas não começou a desenhar de imediato, ficou olhando para o papel como

quem espera que a forma venha de dentro, e só depois de alguns segundos traçou três figuras próximas, sem rosto, sem contorno definido, apenas os gestos — um inclinado para frente, um com a mão encostando no ombro do outro, um pouco atrás, sem encostar, e quando terminou de traçar os corpos, voltou ao primeiro e apagou com o polegar a linha que separava a perna do chão, deixando o traço suspenso, quase ausente, depois escreveu com letra pequena, no canto inferior: “nem tudo que some vira ausência”, e não dobrou a folha, não rasgou, apenas fechou o caderno com a página exposta, como quem deixa o desenho respirar antes de guardar, levantou da cama com cuidado, colocou o caderno sobre a cadeira encostada na parede, arrumou os tênis perto da porta e saiu do quarto sem fazer barulho, porque a mãe ainda dormia e o dia não precisava começar tão cedo. Marcos chegou ao pátio antes do encarregado, antes de qualquer outro passo pelo corredor, e não foi direto à bancada, nem a pilha de caixas, nem à sombra do contêiner, apenas caminhou até o canto onde o banco de cimento sempre esteve, agora limpo, sem pó, sem saco de pão, sem garrafa plástica, e se sentou ali sem medir o tempo, com os pés bem apoiados no chão e as

mãos repousadas sobre as coxas, olhando para a lateral do galpão onde ninguém chegava cedo, como se soubesse, antes mesmo de confirmar, que aquele lado do espaço ficaria vazio, e não abriu a mochila, não mexeu no zíper, não procurou nada com os olhos, apenas ficou ali com o corpo inteiro presente e o rosto virado para o vento que não chegava, respirando com calma, sem pressa de levantar, como quem sabe que levantar já não muda nada, e quando o barulho do portão começou a se repetir atrás dele, quando os passos dos outros começaram a se aproximar, não reagiu de imediato, não se virou, não ergueu a cabeça, apenas fechou os olhos por um instante curto, como quem segura o gesto antes de ser exigido, e permaneceu ali, não porque esperava, mas porque já estava onde devia. Denise chegou ao pátio com o corpo ainda úmido do banho apressado, a marmita na mão direita e a garrafa de água na esquerda, mas não procurou o banco, nem sombra, nem apoio, apenas caminhou até o chão limpo próximo ao muro onde costumava parar nos dias mais quentes, e ali se sentou com as pernas esticadas, o tornozelo cruzado por hábito e os ombros encostados na parede ainda fria, abriu a tampa da marmita com um gesto lento, mas não

pegou o talher, não começou a comer, apenas ficou olhando o conteúdo como se o alimento pertencesse a outro tempo, e então ofereceu a garrafa na direção de Marcos, que já estava ali desde antes, sentado no banco, com os olhos baixos e a respiração contida, e ele pegou sem palavra, bebeu um gole curto, devolveu com um aceno leve do queixo, e Denise encostou de novo a garrafa entre as pernas, sem comentário, sem gesto extra, como se aquele pequeno circuito de água bastasse para manter os dois na temperatura do dia, e foi só então que Oscar apareceu, parou ao lado, ficou em pé por um instante com a sacola na mão, e sem pedir, sem avisar, se abaixou devagar, encostando o corpo no chão, o joelho dobrado, o rosto virado de leve para o lado oposto, e os três ficaram assim, como se o intervalo fosse menos uma pausa do que uma forma de manter o peso distribuído. Oscar voltou antes do apito, atravessou o pátio com o sol batendo nas costas e as mãos já secas do suor da manhã, passou entre as caixas sem olhar para os lados, pegou a primeira do lote novo e arrastou até a base da pilha mais próxima, mas em vez de soltar de qualquer jeito, como fazia nos dias de pressa ou distração, parou por um instante, ajustou o peso com os braços, girou levemente a caixa até

alinhar os cantos com os blocos de baixo, e então pousou com cuidado, sem barulho, como se cada gesto exigisse agora um tipo diferente de precisão — não técnica, mas interna —, e ao se virar viu uma das caixas próximas desalinhadas, não dele, mas deixada por outro, talvez no fim do turno anterior, e se aproximou sem pressa, ajeitou com o pé primeiro, depois com a palma da mão, apenas o bastante para que o volume não interferisse no caminho dos que viriam depois, e quando alguém disse “valeu” por trás, sem nome, sem rosto, ele não respondeu, apenas assentiu com o pescoço, o olhar ainda voltado para o chão, como quem entende que o gesto, ali, é mais do que suficiente, e seguiu para a próxima pilha com o corpo mais solto, os ombros ainda duros, mas o passo um pouco mais firme, como se o dia já não exigisse o mesmo tipo de defesa de antes. O quarto voltou do intervalo junto dos outros, sem apito, sem comando, passou pela lateral do galpão e retomou o ponto onde havia deixado a pilha anterior, pegou a caixa com as duas mãos, girou o tronco devagar e encaixou sem erro, mas sentiu que o peso demorou meio segundo a mais para se acomodar, e repetiu o gesto com a próxima, e a outra, tentando ajustar o ritmo pelo

compasso dos ruídos ao redor, mas havia algo fora, não no corpo, mas no intervalo entre os corpos — Oscar empilhava um pouco mais rápido, com os pés mais abertos e a postura firme, Denise marcava os números sem levantar os olhos, apenas escrevendo direto, como quem já não precisa confirmar, e Marcos, que antes dividia a bancada do meio, havia deslocado as ferramentas para o canto, sem palavra, sem aviso, e por um tempo o quarto tentou permanecer, refez dois movimentos, realinhou uma pilha, buscou uma caixa que não era sua para ocupar o gesto, mas ninguém precisou desse acréscimo, e aos poucos a repetição perdeu centro, o corpo começou a atrasar os encaixes, os braços a desviar do peso, e ninguém corrigiu, ninguém chamou, ninguém impediu — apenas seguiram, cada um no seu fuso, como quem já sabia que o tempo não dava mais conta de quatro, e foi então que o quarto largou a última caixa no chão com cuidado, foi até a bancada, deixou o pano sujo pendurado na quina da prateleira, ajeitou a mochila no ombro e atravessou o galpão sem ruído, cruzou o portão lateral com o boné puxado sobre os olhos e seguiu pela rua sem olhar para trás, os passos alinhados à sombra dos postes, até desaparecer na dobra da calçada

onde ninguém mais esperava ninguém. Marcos voltou para casa com o corpo ainda firme, mas o passo um pouco mais largo que de costume, como se o ritmo do dia tivesse sobrado no corpo mesmo depois que o peso cessou, atravessou as duas quadras do bairro sem desviar, passou pelo portão sem empurrar com força, entrou com a mochila ainda presa ao ombro e a sacola do pão intacta na mão esquerda, deixou tudo sobre a mesa sem abrir, sem arrumar, sem conferir o que havia dentro, apenas empurrou a cadeira com o pé e ficou em pé diante dela, com os olhos voltados para o chão, como se a superfície da cozinha fosse o único lugar onde o corpo ainda podia parar, depois foi até a pia, encheu o copo de plástico com água da torneira e bebeu em dois goles, devagar, não por sede, mas para manter o fôlego em movimento, e ficou ali, com as mãos apoiadas na borda da pia, os ombros ligeiramente curvados, como quem tenta escutar o que o silêncio tem a dizer depois que o ruído acaba, e por um instante olhou para a porta fechada, mas não se moveu, não se sentou, não tirou os sapatos, apenas permaneceu ali, sustentando o corpo inteiro de pé, como quem carrega o peso de mais alguém, mesmo sem saber exatamente de onde veio.

Denise chegou em casa sem notar o caminho, desceu do ônibus dois pontos depois por engano, atravessou a rua com o corpo ainda inclinado, como quem busca abrigo mesmo sem chuva, e ao entrar pela porta empurrou a bolsa para o canto da parede, retirou os sapatos com os pés, passou direto pela sala onde a filha dormia com um lápis na mão e a testa encostada no caderno aberto, e seguiu para o quarto sem acender a luz, abriu a gaveta da cômoda onde guardava os papéis soltos de consulta, cartão, anotação, e foi ali, entre as dobras de um recibo antigo e uma embalagem de remédio vencido, que encontrou a folha com o traço de Ketlyn, aquela que não lembrava de ter visto antes, com três figuras tortas desenhadas na lateral e uma frase curta escrita em letra miúda perto da margem inferior — não leu em voz alta, não releu, não comentou, apenas dobrou a folha com cuidado, duas vezes, até que ficasse do tamanho da palma da mão, e a guardou no bolso da blusa que ainda vestia, contra o lado esquerdo do peito, como quem precisa manter por perto algo que não é urgente, mas que pesa, e então voltou para a cozinha, ligou a torneira, lavou as mãos sem sabão, secou no pano da pia, e ficou ali por alguns segundos com os olhos voltados

para o chão entre a cadeira e a mesa, como se fosse ali, naquele vão, que o dia ainda estivesse se demorando. Oscar entrou em casa sem bater o portão, atravessou o corredor com os ombros soltos e a mochila pendendo de um lado só, subiu os três degraus do vão da cozinha até o quarto sem acender a luz, jogou a mochila sobre a cadeira de plástico que cedia no meio e tirou os sapatos com a ponta dos pés, deixou-os onde caíram, e em vez de deitar, sentou-se no chão com as costas apoiadas na parede, os joelhos dobrados, os cotovelos apoiados sobre eles, as mãos soltas no vão entre as pernas, como quem já conhece aquele lugar não como abrigo, mas como ponto de repouso, e ficou ali por minutos longos, com a cabeça baixa e o ventilador desligado no canto, a janela entreaberta deixando entrar o som da rua em volume baixo, os mesmos ruídos de sempre, mas agora mais afastados, mais filtrados, e não ligou o rádio, não mexeu no celular, não olhou para o relógio, apenas respirou fundo duas vezes, como quem empurra o dia para dentro do peito antes de deixá-lo passar, e ali ficou, sem fome, sem sono, sem urgência, como quem entende que às vezes o que o corpo pede não é movimento — é não precisar mais reagir. Ketlyn acordou antes do despertador, mas não se

levantou de imediato, ficou deitada com o rosto voltado para a parede e os olhos abertos, escutando o som da água correndo na calha, o passo da mãe atravessando o corredor, o tilintar breve da colher no copo, e em vez de abrir o caderno como fazia nos outros dias, esticou o braço até a mochila encostada no pé da cama, tirou uma folha dobrada de dentro da lateral e a deixou aberta sobre o colchão, mas não desenhou nada, apenas passou a ponta do dedo sobre o papel, como quem confirma que o espaço ainda pode conter alguma coisa, depois se levantou devagar, foi até a janela, puxou a cortina só até a metade e ficou ali, olhando a rua, sem buscar ninguém, sem esperar o movimento, só acompanhando com os olhos os fios dos postes balançando de leve, como se aquilo bastasse para saber que o dia tinha começado, e escreveu com a caneta sem tampa, no canto inferior do papel já usado: “alguns voltam sem nunca ter ido”, não assinou, não dobrou, apenas colocou de volta dentro da mochila, entre os cadernos de uso, como quem entende que certas frases não são segredo — só precisam de tempo. Marcos chegou ao galpão antes da grade abrir por completo, empurrou com a mão esquerda o portão ainda preso na trava de ferro e entrou sem chamar, sem aceno,

sem barulho de chave, atravessou o corredor com a mochila ainda nas costas, passou direto pelo setor das ferramentas e foi até o fundo do pátio onde a sombra era mais rasa, como se o corpo já soubesse que o sol não cederia cedo, e ali ficou por alguns segundos, parado diante da bancada ainda desligada, as mãos presas às alças da mochila, o olhar voltado para a linha onde a luz do céu começava a encostar na quina do telhado, e só então tirou a mochila, pendurou no gancho, testou o botão da máquina sem ligar e encostou os dois punhos na borda de metal, como quem mede se o dia já exige gesto, mas não começou, não puxou nenhuma peça, não separou parafusos, não girou o torno, apenas esperou, com os pés firmes no chão e o corpo inclinado levemente para frente, como quem prepara a posição antes do peso, e quando ouviu os passos atrás vindo pelo corredor, não se virou, não chamou, apenas sustentou o lugar, como quem sabe que agora é junto que se começa. Denise entrou pelo portão já entreaberto com o cabelo ainda úmido, a jaqueta aberta sobre a blusa de sempre e a bolsa cruzada no peito como em todos os dias úteis do mês anterior, mas o passo vinha mais curto, mais assentado, como quem chega sem medir o atraso, atravessou o corredor sem desviar dos

ombros dos outros, seguiu até o canto do galpão onde costumava iniciar os registros, mas antes de sentar passou os olhos por entre os setores e viu Marcos de pé diante da bancada, parado, as mãos apoiadas no metal, e Oscar entrando logo atrás, ajeitando a faixa da mochila com o polegar, e não disse nada, mas o rosto carregava um traço mais leve, quase um sorriso que não se firmava, só se insinuava no canto do olho, como quem reconhece a ordem sem precisar nomeá-la, e então passou ao lado de Oscar, roçou o braço no dele sem recuo, e ele não respondeu, não olhou, não retribuiu, mas também não desviou, e isso bastou, e Denise seguiu até sua mesa, puxou a prancheta com um gesto único, o lápis já no bolso da blusa, e se sentou com o corpo inteiro, como quem agora estava onde devia, e não mais em lugar provisório. Oscar entrou no galpão depois dos dois, o corpo ainda ligeiramente inclinado para frente, mas o passo mais curto, menos pesado, como se o chão já tivesse aprendido seu ritmo, passou pela lateral do setor das caixas com o olhar fixo na faixa de sombra rente ao piso, cruzou com Denise sem desviar, sentiu o toque breve do braço dela no seu e não recuou, apenas seguiu até o canto onde costumava começar a empilhar, largou a

mochila no chão sem olhar onde caía, ajoelhou-se junto da primeira pilha e, antes de tocar na primeira caixa, enrolou o pano sujo na mão direita, mesmo sem ferida, mesmo sem corte, como fazia nos dias em que o corpo ainda estava aprendendo a conter o atrito, e ficou assim por alguns segundos, com a mão coberta, o olhar voltado para o bloco de papelão diante dele, sem urgência, sem distração, como quem se prepara não para o trabalho, mas para o tempo que ele exige, e então começou, com o mesmo gesto de sempre, só que agora sem esforço de se ajustar — só o corpo fazendo o que precisa. O quarto caminhava desde a curva da rua onde o galpão deixava de ser visível, os passos curtos, mas constantes, o corpo sem mochila, sem boné, sem nada nas mãos, como se tivesse deixado tudo em algum lugar e não lembrasse exatamente qual, e seguiu pela calçada quebrada, passou pelo campo de terra onde o mato crescia torto nas bordas, cruzou a linha do trem sem olhar para os lados, atravessou o bairro que vinha depois com os olhos voltados para o chão, desviando apenas quando o corpo precisava, e chegou à beira do rio no início da tarde, quando o sol começava a dobrar para o outro lado do céu, encostou os pés na margem

de barro e ficou em pé ali, por um tempo que não se sabe medir, olhando a água correr como quem não espera resposta, como quem não quer pergunta, e então começou a andar pela beira, sem ritmo marcado, sem pressa, sem pausa, como se aquilo fosse tudo o que ainda restava de gesto, o corpo inteiro andando sozinho, com os ombros firmes, os joelhos soltos, os olhos baixos, e a água ao lado seguindo também, sem mudar de curso, sem chamar ninguém. Ketlyn acordou com o barulho da rua ainda baixo, o sol filtrado pelas frestas da veneziana e o corpo inteiro coberto até o queixo, mas não ficou muito tempo na cama, levantou devagar, pegou o caderno da cadeira ao lado e abriu na página do dia anterior, olhou os traços que já estavam ali — figuras inacabadas, sombras sem rosto, palavras curtas espalhadas nas margens — e não acrescentou nada, só passou os dedos sobre os desenhos como quem reconhece uma coisa que já foi feita, e depois de alguns segundos começou a juntar tudo, os papéis soltos que estavam dobrados dentro da mochila, as folhas avulsas que ficavam entre os livros da escola, o pedaço de cartolina que usava como marca, e colocou tudo dentro de uma pasta de elástico azul que havia ganhado da mãe num dia sem

motivo, encaixou cada folha com cuidado, não por medo de rasgar, mas para que não dobrassem no lugar errado, e quando terminou, fechou a pasta sem pressa, apertou o elástico com o polegar e disse só para si, num murmúrio que não pedia resposta: “agora já sei o que guardar”, e deixou a pasta sobre a mesa do lado da janela, sem esconder, sem assinar, como quem entende que guardar também é uma forma de continuar vendo. A tarde já havia avançado quando os três continuavam em seus postos, cada um com o gesto certo no tempo certo, Marcos ajustando o torque da máquina com o pulso inclinado no limite exato, Denise riscando os formulários com a prancheta apoiada na perna dobrada, Oscar empilhando as caixas com o braço bom e o outro apenas guiando o centro do peso, e não havia conversa, nem troca de olhar, nem interrupção, mas havia entre eles uma linha precisa que passava de um corpo ao outro sem precisar ser vista, o ar mais denso entre as paredes do galpão, o ruído das ferramentas marcado como batida de chão, e o encarregado passou duas vezes por trás sem dizer nada, porque nada faltava, e o tempo seguia, sem pressa, sem pausa, mas agora com todos no lugar onde deviam estar, e ninguém pensava em

sair, nem em depois, nem em voltar, porque já estavam dentro — não do turno, não da tarefa, mas do que permanece quando o resto deixa de exigir nome, e ali, com o suor ainda quente na dobra do joelho, com o cheiro de graxa espalhado no fundo da camisa, com o sol já atravessando o telhado, os três sustentavam o fim sem anúncio — porque o fim era isso: o corpo ainda em movimento, e ninguém mais faltando.

Nota biográfica

Augusto La Fere (Lapa, Paraná, 1973) é autor e ensaísta. Sua escrita transita entre filosofia, memória e metáfora da paisagem, explorando a tensão entre silêncio e palavra. Fundador do selo *Ars Verbi*TM, dedica-se à publicação artesanal e digital de obras sob licenças livres.

Entre suas publicações destacam-se "*O Legado*", "*Clown*", "*Cartas para Ninguém*", "*Cinza de Bronze*" e "*O Livro dos Restos*". Vive e trabalha no Paraná, atuando também em iniciativas culturais voltadas à difusão da literatura livre.

Colofão

Este livro foi composto em EB Garamond, projeto tipográfico de Georg Duffner (2008), inspirado na Garamond renascentista talhada por Claude Garamont (c. 1480–1561), em Paris. Nesta obra, a fonte não “veste” o texto: vira o seu corpo. A serifa é unha; a haste, osso; a curva, tendão. O ritmo da página não alivia: sustenta. E o silêncio não é intervalo — é estrutura.

A edição digital foi finalizada em janeiro de 2026, pela *Ars Verbi*TM, em Lapa, Paraná.

Ao fim, fica o resto: o corpo voltando sozinho.

